

# Revolução

## MANIFESTO DOS OFICIAIS REVOLUCIONÁRIOS AOS SOLDADOS, MARINHEIROS, CLASSE OPERÁRIA E POVO TRABALHADOR

1. O processo iniciado em 25 de Abril de 1974 chegou ao momento da verdade, ao momento do avanço decisivo para o socialismo.

É certo que até agora foram vibrados duros golpes no poder da burguesia e foram dados passos importantes no sentido da organização autónoma da classe operária, e do povo trabalhador. As nacionalizações, o começo da reforma agrária, as experiências de controle operário e o avanço do poder popular constituem as principais conquistas das massas trabalhadoras nesta fase do processo. Tudo isto, no entanto, não representou a destruição do capitalismo nem a expulsão do poder dos trabalhadores.

É assim que a burguesia pode contar com o Conselho da Revolução, do VI Governo e do MFA.

É assim que assistimos a uma desesperada e calada reacção, às tentativas que o seu Conselho, VI, os seus partidos e os seus oficiais têm levado a cabo no sentido de esmagar a poderosa ofensiva popular em marcha.

O que a burguesia não pode suportar é a imparável movimentação dos soldados que organizando-se autonomamente soberanamente recusam a hierarquia militarista dos falsos democratas e colocam-se resolutamente do lado do povo trabalhador.

O que a burguesia não pode suportar é a força crescente do Poder Popular erguido de Norte a Sul do nosso país pelas massas trabalhadoras que sobram recusar a via autoritária burguesa, a via das falsas "maiorias" e construir a sua própria democracia, o embrião da democracia revolucionária.

A profunda crise político-militar que estamos a viver veio mostrar que as sucessivas soluções de conciliação de classes mais não fizeram do que abrir o caminho à organização da direita e da reacção capitalista, e que a única solução revolucionária pode resolver a crise em favor dos interesses das massas e da Revolução Socialista.

2. A partir do momento em que o desenvolvimento do processo português tornou claro o falhanço das sucessivas tentativas da burguesia para recuperar o controle da sociedade portuguesa através de soluções conciliatórias falsamente favoráveis às classes trabalhadoras, tornou-se obsessiva para o poder instituído a construção dum aparelho repressivo capaz de substituir pela força a falta de apoio das massas populares.

Tendo ainda falhado nesse objectivo devido a crescente organização e consciencialização do povo trabalhador civil e fardado, recorre agora, aquele poder, à chantagem e à tentativa de dividir o país em dois, abrir a porta ao confronto entre trabalhadores, à guerra civil e à intervenção estrangeira. No seu desespero a burguesia não hesitará em criar as condições da destruição da própria pátria e da sua submissão directa às forças imperialistas.

Perante esta situação, os oficiais signatários, conscientes de que a sua posição só pode ser ao lado dos trabalhadores, soldados e marinheiros na sua luta pela emancipação, pelo Poder Popular, pelo socialismo e independência nacional, consideram que a única saída para a Revolução Portuguesa está na constituição dum poder de unidade revolucionária com um programa de acção assumido publicamente perante as massas populares tendo como objectivo principal a transferência tão rápida quanto possível do poder para os trabalhadores organizados numa estrutura que culmine na Assembleia Popular Nacional.

3. A alternativa revolucionária para a crise é a que assenta no papel determinante das massas populares, da classe operária e dos soldados, é a que ultrapassa a direcção conciliatória existente até agora pela afirmação da direcção política revolucionária expressa na capacidade das massas em construir o socialismo, isto é, o seu poder e a sua sociedade, e em construir o braço armado que os levará à vitória final, o exército revolucionário.

A saída para a crise está pois na construção dum poder revolucionário assente num programa de unidade revolucionária que se baseie nas ideias expressas no Documento do COPCON.

A natureza revolucionária do poder só se demonstra na prática, pelo que tornar a Assembleia Popular Nacional uma realidade exige:

- O rápido reforço dos órgãos de Poder Popular de base já existentes: Comissões de Moradores, Comissões de Trabalhadores, Conselhos de Aldeia e Comissões de Soldados e Marinheiros;

- A pronta constituição destes órgãos onde não existam;

- A coordenação dos órgãos de Poder Popular de base através de Assembleias Locais e Regionais;

Este conjunto de acções terá de ser obra dos próprios trabalhadores competindo ao Poder de Estado abrir o espaço para o seu desenvolvimento apoiando inequivocamente os trabalhadores e proporcionando-lhes as condições necessárias.

Para além disto o poder só será legitimamente revolucionário desde que assumo o objectivo imediato de colocar a economia ao serviço do povo trabalhador, liquidando o desemprego e a subida do custo de vida o que exige:

- Criar condições para a construção do controle operário sobre a produção, o que significa que toda a economia (fábricas, oficinas, bancos, comércio, etc.) terá de ser controlada directamente pelos trabalha-

dores através dos órgãos de Poder Popular;

- Criar condições para que a reforma agrária seja entendida a todo o país, baseando-se nos seguintes princípios:

a. Controle directo da Reforma Agrária pelos trabalhadores que trabalham a terra através dos órgãos de poder popular principalmente os Conselhos de Aldeia.

b. Expropriação das terras ainda na posse de latifundiários ou de capitalistas agrários.

c. Exploração colectiva das terras expropriadas, sobretudo através de cooperativas agrícolas.

d. Respeito absoluto pela propriedade das terras do campesinato e efectivo apoio do Estado aos pequenos e médios agricultores.

e. Tomada de medidas que garantam os créditos, as máquinas os adubos etc. necessários ao avanço da Reforma Agrária.

- Assegurar uma política de independência nacional através de:

a. Recusa do alinhamento em qualquer bloco político-militar.

b. Construção dum forte aliança com os países anti-imperialistas.

c. Diversificação das relações comerciais externas subordinando-as rigorosamente ao princípio da reciprocidade de vantagens.

d. Diversificação da produção interna e fomento da produção dos bens dos quais dependemos do estrangeiro e que podemos produzir designadamente os produtos agrícolas.

Perante o Governo e as forças de direita em geral, que recorrem a actos de desespero e de pirataria, que podem conduzir o país à guerra civil ou à intervenção estrangeira feita pelo Imperialismo, os trabalhadores, os soldados e os militantes revolucionários têm que encontrar o seu próprio caminho para a tomada do poder.

Esse caminho tem de ser o da organização autónoma dos trabalhadores das fábricas e dos campos para a construção e o fortalecimento do Poder Popular. Mas o Poder Popular nunca será verdadeiramente poder se não for Armado. Os trabalhadores só serão capazes de conquistar o poder e de o aguentarem nas mãos se estiverem armados, se tiverem a força organizada do seu lado.

É a conjugação dos trabalhadores armados com os soldados que estão nos quartéis, que nascerá o largo movimento e a vanguarda que pode fazer frente à burguesia e ao Imperialismo.

Só o armamento dos trabalhadores e a sua organização com os soldados, formando um exército revolucionário pode impedir a organização da burguesia e o perigo de intervenção estrangeira.

É neste movimento e nesta vanguarda que tem de basear-se o novo poder.

Para nós, oficiais que procuramos ser coerentes com um projecto revolucionário, a única garantia de revolução socialista autêntica é a de que efectivamente o poder estará nas mãos dos trabalhadores e não nas de qualquer partido ou força política.

É da base e para a base dos trabalhadores que o poder tem de vir e tem que ir.

Para nós, oficiais que procuramos ser coerentes com um projecto revolucionário, a vanguarda está nos trabalhadores e nos soldados. Não admitimos mais golpes de Estado, venham eles donde vierem, fabricados pelos oficiais nas costas dos trabalhadores. Não admitimos mais conspirações de gabinete, alheias à organização dos trabalhadores e dos soldados. Não admitimos mais manobras as dos políticos que fazem dos trabalhadores, das suas manifestações e movimentações, a força com que argumentam à mesa dos pactos.

Nós estamos com o Poder Popular Armado, com os Soldados, com os militantes revolucionários, até à vitória final, até à tomada do poder.

- VIVA A REVOLUÇÃO SOCIALISTA

- VIVA O PODER POPULAR ARMADO

- OFICIAIS REVOLUCIONÁRIOS, COM OS SOLDADOS, OS OPERÁRIOS

E OS CAMPONESES — UNIDOS VENCEREMOS

TOMÉ, Major do Comando da F.M.

CABRAL E SILVA, Capitão do Comando de ENG. 1

LUZ, Capitão do Comando do Fbrte de Almada

MATOS GOMES, Capitão

LUZ, Capitão da F.A. da Academia Militar

BORREGO, Major da F.A.

BARROSO, Major da F.A.

JORGE ALVES, Capitão da F.A.

NUNO FERREIRA, Capitão da F.A.

SOBRAL COSTA, Capitão da F.A.

LUZ, da Administração Militar

MATOS GOMES, Tenente da G.N.R.

SEQUEIRA, Tenente-Coronel

DURAND CLEMENTE Capitão



PARTICIPAÇÃO DOS LEITORES

# A TAREFA FUNDAMENTAL DE UM REVOLUCIONÁRIO

CAMARADAS:

Sou um ex-PCP que decide juntar-se aos revolucionários.

Depois do pronunciamento de Tancos que conduziu a reacção ao Poder as atenções dos revolucionários devem estar viradas para a preparação das condições da Revolução Socialista — a Insurreição Armada. Nunca, como neste momento, tantos operários industriais, trabalhadores agrícolas e outras camadas trabalhadoras colocaram a necessidade do armamento. Isto porquê?

Porque a massa operária perdeu toda a confiança no novo aparelho burocrático militar do Estado. Nesta perspectiva ela busca a auto-defesa das conquistas que até agora obteve na luta. No entanto, pouco a pouco, outro espírito se começa a difundir, é o espírito ofensivo. Está ainda na fase embrionária, sem o seu pleno desenvolvimento, todavia, é impossível desencadear com sucesso a insurreição, pois nesse caso o núcleo revolucionário ver-se-ia isolado. Neste momento aparece a questão do "golpe de esquerda" e da insurreição. A distinção entre eles não se faz, no entanto pela forma que assumem mas sim pelo conteúdo que revestem. A condenação do golpismo e a apologia da insurreição popular armada é uma directiva correcta mas pode mascarar um profundo oportunismo de direita, ou daqueles que consideram que nunca estão reunidas as condições e o apoio popular bastantes para a desencadear.

A premissa do êxito da insurreição está no desenvolvimento do espírito de luta, do espírito ofensivo entre a massa popular. Quais os

caracteres que nos indicam a proximidade do desabrochar desse espírito? São primeiro — a desorganização económica, a "anarquia da produção", a que o Governo tentará responder com "medidas de austeridade" lesivas dos interesses da massa trabalhadora, segundo — a repressão a que se vê obrigado o Poder para "manter o país sobre os eixos", terceiro — a organização das massas populares: soldados e marinheiros e dos operários e camponeses seja pelo sindicalismo revolucionário, seja em partidos revolucionários, seja nas organizações unitárias do poder popular e dos soldados e marinheiros, que cada vez mais estabelecerão um poder à parte, autónomo, antagónico no poder do Estado burguês e cada vez mais em aguda contradição com ele. Esta progressiva agudização colocará um dia não muito distante, em oposição armada os dois poderes: "o burguês e o popular."

Neste contexto, a tarefa fundamental dos revolucionários, neste momento é a autodefesa e a propagação da armada por intermédio da resposta taco a taco a todas as provocações do poder burguês sejam elas os ataques bombistas ou a repressão da PSP. Actuando deste modo não nos isolamos nem estamos a praticar terrorismo, estas acções serão claras como água para o povo e estimularão a seguir a vanguarda.

Além desta actuação armada deve prosseguir a denúncia da acção do poder e da reacção extra-governamental, a propaganda a favor de um governo revolucionário e popular e a favor do reforço da organização popular. Sobre tudo,

não dar um único passo atrás no âmbito da organização. Outro aspecto importante será o de não desenvolver dos acontecimentos. Saudações revolucionárias  
J.A.R.

## Sedes

ALGÉS — Rua Victor Duarte Pedroso, 15  
ALGÉS DE CIMA Tel. 2100337

AMADORA — Rua Gonçalves Ramos, 40 Telef. 939525

ÁRGEA — Telef. 0049/92169

BARREIRO — Rua Dr. Eusébio Leão, 31 Tel. 2076745

BEJA — Rua Alexandre Herculano, 29 Telef. 0079/24594

CASTELO BRANCO — Alameda da Liberdade, 16

COVA DA PIEDADE — Estrada Nacional 10  
Tel. 2763267/2763397/2763122

COVILHÃ — Rua Visconde da Coriscada, 60

ÉVORA — Largo do Chão das Covas, 21  
Tel. 24998

FARO — Rua Dr. Cândido Guerreiro, 35

FERRAGUDO — Rua 1.º de Maio

LAVRADIO — R. Dr. José Carcano Lobo, 12

LISBOA — Sede Central do Partido  
Rua Castilho, 70 — Tel. 48119

573520  
573640

Jornal "Revolução"  
Rua Castilho, n.º 70

ORGANIZAÇÃO REGIONAL DE LISBOA  
— Av. da República, 40

LOULÉ — Av. José da Costa Mealha, 39-1.º Telef. 0089/63043

MARINHA GRANDE — R. Marquês de Pompal, n.º 65

OLHÃO — Rua 18 de Junho, 64 B-C

PAREDE — R. Gomes Freire de Andrade, 1 — Tel. 2474142

PORTIMÃO — Rua 5 de Outubro, n.º 17

PORTO — Rua Álvares Cabral, 110 — Tel. 315759/315786

S. JOÃO DA MADEIRA — R. Jaime Afreixo, 142

SACAVÉM — Largo 5 de Outubro, 16-17

SETÚBAL — Colégio Frei Agostinho da Cruz  
Rua Jorge de Sousa

VIANA DO CASTELO — Rua José Espergueira — Tel. 22558

COIMBRA — Rua Eça de Queiroz, n.º 33

## Universidades Proletárias

LISBOA — Av. 5 de Outubro, 68 Telef. 770017

Porta-Voz do PARTIDO  
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO



# Revolução

## Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME .....

MORADA .....

LOCALIDADE .....

PROFISSÃO .....

ASSINATURA: Semestral — 90\$00   
— 18\$00

PAGAMENTO: Em cheque   
Em Vale



# O DESESPERO DA BURGUESIA E A ORGANIZAÇÃO REVOLUCIONÁRIA DOS «PARAS»

A destruição dos emissores da Rádio Renascença por meios bombistas na Buraca foi um acto de desespero do Conselho da contra "Revolução" que de facto se desmascara na sua impotência para impor uma via social-democrata através duma repressão feroz sobre a classe operária e camponesa. Sentindo a sua incapacidade de enfrentar a reacção organizada dos trabalhadores silenciou a voz da Rádio Renascença por meios técnicos ou militares. Porque utilizando os meios técnicos deparava com a oposição dos trabalhadores e sabia que seria derrotado como nas anteriores tentativas e se recorresse aos meios militares o desastre seria maior porque além da força da classe faltavam-lhe os soldados para garantir as decisões do poder burguês.

Assim a única alternativa, era desencadear uma acção rápida e cobarde servindo-se da disciplina cega e militarista dos paras, não só porque apesar da organização nula, os paraquedistas, se a acção lhes fosse informada antes, eles imediatamente recusariam. Por isso, a mentira e a demagogia foram mais uma arma.

Mas o que o Conselho da contra "Revolução" nunca imaginou, foi que esta acção pudesse desencadear um forte movimento insurreccional, em que os paras disseram duma vez para sempre NÃO! Já estavam fartos de comandos burgueses reaccionários, e impuseram eles revolucionariamente, a sua disciplina e controlo da unidade.

Sobre este processo, ouvimos um camarada paraquedista que nos fez o ponto da situação da luta.

REV. — As forças paras que efectuaram a operação pertenciam ao A.M.I. Qual era o vosso nível de organização de classe?

PARA — O nosso nível de organização era nulo, apesar de haver reuniões das forças que acompanhavam o A.M.I., que eram autênticas lavagens ao cérebro, tentando fazer crer que o A.M.I. era uma força progressista e não reaccionária, com função de reprimir os trabalhadores.

REV. — Vocês tiveram conhecimento daquilo que iam executar antes da operação?

PARA — Não. Cerca das 3 da manhã o capitão Barrocas Monteiro deu ordens para nos armarmos, pois iam executar uma operação por ordem do Conselho da Revolução.

REV. — Não foi frisado o objectivo?

PARA — Só na berliet nos disseram que era uma operação coordenada com o COPCON, e que envolvia os três ramos das Forças Armadas, e que aos paras tinha calhado aquela acção.

REV. — O meio de silenciar a emissora através de dinamite foi-vos informado?

PARA — Disseram-nos que ia um técnico de explosivos e um engenheiro electrotécnico, mas nunca foi feita referência que a estação seria dinamitada. E só no local nos apercebemos de que nenhuma tentativa foi feita além da destruição à bomba. Alegando como causa a falta de tempo. Isso provocou imediatamente uma reacção por parte dos soldados e sargentos à qual o capitão Barrocas afirmou que a esquerda depois do 11 de Novembro deixou de existir em Portugal.

REV. — A partir daí tomaram consciência que mais uma vez tinham sido utilizados tal como antes do 25 de Abril e 11 de Março.

PARA — Quando chegámos à unidade e tomámos conhecimento de que o COPCON e o Otelo não tinham conhecimento e não surgiam os nomes dos responsáveis, apercebemo-nos de que mais uma vez tínhamos metido o pé na argola. Então convocámos uma Conferência de Imprensa para esclarecer toda a manobra reaccionária de como tínhamos sido utilizados no processo, e para afirmarmos de uma vez para sempre a não obediência aos oficiais fascistas e que nos poríamos incondicionalmente ao lado dos nossos irmãos operários e camponeses. Isso foi-nos boicotado das mais variadas formas.

REV. — Além da Conferência de Imprensa gerou-se um processo insurreccional na unidade, que levou ao saneamento do capitão Barrocas e à saída dos oficiais reaccionários.

PARA — Exacto! Foi efectuado um plenário com a presença da Polícia Militar e sargentos, donde sai um Comité de Luta e é pedido o saneamento do capitão Barrocas.

REV. — Qual a posição dos vossos camaradas de Tancos?

PARA — Os camaradas de Tancos lançam um comunicado onde exigem o regresso à unidade



das duas Companhias que estavam em Lisboa integradas no A.M.I., tendo ficado decidido num plenário efectuado anteriormente a saída do A.M.I. e que ficasse a unidade sob as ordens do COPCON.

REV. — Como encararam a saída dos 123 oficiais reaccionários da unidade?

PARA — A saída dos oficiais deve-se englobar num plano de actuação mais vasto. Aquilo foi apenas uma justificação, porque as várias reuniões clandestinas efectuadas por esses oficiais previa a sua saída para maior mobilização. Nós não precisamos de oficiais burgueses, e temos demonstrado pela nossa prática de que com a sua saída e o controlo da unidade pelos praças e sargentos, onde todas as funções técnicas e de comando e disciplinares são discutidas e eleitas em assembleias gerais.

REV. — Mas não é essa a opinião das cúpulas das forças armadas burguesas.

Quero reafirmar que desde que os soldados tomaram conta do controlo da unidade deixou de haver a (in)disciplina fascista (RDM) passando a surgir uma disciplina consentida, e aumentando o nível de segurança e operacionalidade da unidade.

REV. — Nós convidamos todas as delegações de soldados dos vários ramos das Forças Armadas, ou qualquer outra entidade que o queira comprovar, de que é falso e demagógico o papão da anarquia e incompetência dos soldados. O que

eles têm é medo de perderem os submeterem à ditadura do proletariado e de se tariado.

## COMUNICADO

### Nota sobre a tentativa reaccionária de passagem compulsiva à disponibilidade das praças paraquedistas

A reacção vindo diminuída a base social de apoio ao VI Governo, vindo-se contestada firmemente pelos trabalhadores fardados e não fardados, procura desesperadamente salvaguardar os meios que lhe poderiam permitir a concretização do golpe fascista.

A corajosa e firme tomada de consciência dos soldados paraquedistas assumindo claramente uma posição de classe ao lado dos seus camaradas trabalhadores desde o ataque bombista à Rádio Renascença por eles repudiado pôs em pânico os reaccionários da Força Aérea. Esta tomada de consciência que levou os paras a proporem a sua integração no COPCON e a encarem toda uma actividade revolucionária que comprometia os próprios meios aéreos com que a reacção ainda conta são as razões flagrantes que levaram os comandos reaccionários da Força Aérea a tentarem desfazer-se dos agora para eles incómodos soldados paraquedistas.

Passar à disponibilidade as tropas paraquedistas no momento em que se procura dotar o AMI de mercenários pagos com ordenados elevados, a pretexto da necessidade da existência de forças militarmente bem preparadas, é a demonstração clara de que, para a direita, todos os argumentos são bons para levar para diante a tentativa de repetir em Portugal o desfecho que conheceu o Chile.

A esta manobra que constitui o mais vasto escandaloso saneamento à esquerda os trabalhadores, os soldados, os revolucionários e os oficiais progressistas não podem ficar indiferentes. Há que preparar desde já uma resposta de classe, firme e decidida.

— PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

20-11-75

O Secretariado Político do PRP



**E. P. S. M.**

**«Para a formação do fundamental a ligação aos exército revolucionário é órgãos de poder popular»**



A Escola Prática de Serviço de Material caracteriza-se pelo elevado número de operários que ali prestam o serviço militar.

Isto porque a Escola é para a formação de mecânicos quer de armamento, quer de viaturas sendo os soldados para ali escolhidos segundo a sua profissão na vida civil.

Assim os soldados, conscientes da classe a que pertencem, lutam para pôr fim à exploração e opressão de que são vítimas dentro dos quartéis. Esta luta passa pelo cumprimento da palavra de ordem

dos SUV's — "REACCIONARIOS FORA DOS QUARTÉIS JAI" — Para nos falar do processo de expulsão de um major e consequente pedido de demissão de 23 oficiais por solidariedade para com aquele reaccionário, entrevistámos soldados da E.P.S.M.

**EXPULSAO E DEMISSOES**

REV. — Como se desenrola o processo de luta da EPSM?

SOLDADO — Em fim de Se-

tembro, apareceu um documento (fascista) o qual tentava chamar a si, alguns dos oficiais menos esclarecidos e com isso conseguiram radicalizar posições.

No seguimento desse documento, houve um major que foi expulso em plenário. Um grupo de oficiais não satisfeitos com esta decisão elaborou uma proposta, que levaram a plenário, na qual exigiam a decisão anterior fosse revogada e que o major fosse readmitido.

Ao fim de três horas de discussão, em que aqueles oficiais defenderam o major, apareceu um deles a dizer que o problema afinal era a palavra "expulsão", contida na proposta. Portanto o que eles queriam era que essa palavra fosse retirada, que o major demitira-se. Isto era gozar-nos!

A proposta deles foi reprovada e os "senhores" (23) demitiram-se, apresentando-se no Q.G., onde foram criticados pela sua actuação, tendo sido instaurado um inquérito.

A notícia acerca deste acontecimento que vem no "Expresso" é perfeitamente falsa. Esse jornal diz que eles se demitiram porque não estavam de acordo com o processo em curso.

Ora o problema deles é outro, têm medo de ser saneados e assim resolvem o problema mais facilmente.

Neste momento temos cerca de 6 oficiais, os outros não fazem falta nenhuma ao andamento da unidade, e estamos empenhados na reestruturação da unidade.

**O DOCUMENTO**

REV. — Podes descrever quais são as linhas desse documento de que falaste ao princípio e que deu origem ao processo?

SOLDADO — O documento tinha dois considerandos. Um deles dizia que a escola era dominada por um partido da extrema-esquerda, e por este motivo propunha que os oficiais do quadro dominassem os órgãos democráticos, as ADU's, etc. E depois falava, daquilo a que eu chamo dar "milho aos pardais", de disciplina e mais disciplina, auto-ridade, etc.

Mas o que é mais grave, é que esse documento em vez de ser apresentado ao plenário da escola, seguiu a via hierárquica, primeiro ao brigadeiro director do Serviço de Material, ao chefe de Estado-Maior do Exército e ao Otel, recusando assim a via democrática.

O que é que eles pretendem com isto? Concerteza que era para sanear indivíduos considerados por eles perigosos ou até mesmo encerrar a escola. Neste momento, eles dizem que têm a protecção de altas esferas, para que esta protecção se eles abandonaram a escola? Deve ser concerteza para qualquer das hipóteses que eu acima expus.

**ORGANIZACAO — EXERCITO REVOLUCIONARIO**

REV. — Qual a importância que a EPSM tem no processo político-militar?

SOLDADO — Militarmente ou

estrategicamente não tem grande importância. No entanto politicamente é bastante importante, pois foi numa unidade em que a politização e a organização dos soldados mais avançou, motivado fundamentalmente pela sua origem de classe. Aliás foi precisamente isto que esteve na base do desenrolar do processo, dado que os oficiais reaccionários são totalmente contrários à organização dentro dos quartéis.

REV. — Qual é a solução que vocês vêem para a EPSM?

SOLDADO — Pensamos que qualquer solução que vise a reestruturação da unidade, só terá sentido na medida em que coloque o problema da formação do EXERCITO REVOLUCIONARIO. Por isso achamos que é fundamental a ligação em termos de actuação conjunta aos órgãos de Poder Popular.

São lutas como esta da EPSM, se travam nos quartéis que Azevedos e Cia., caluniam como indisciplina.

Pôr em causa militares fascistas, lutar para a existência do exército revolucionário são crimes que o Conselho da Revolução e VI Governo querem punir. Com que forças?

Os soldados e oficiais revolucionários não estão dispostos a isso. Estão dispostos sim a organizar-se com os trabalhadores para que estes se armem, e em conjunto tomarem e exercerem o poder.

**G.D.A.C.I.**

**A outra face da repressão**

A luta dos camaradas do GDACI enquadra-se como resposta a uma das diferentes formas da repressão, que as cúpulas militaristas burguesas utilizam para reprimir as classes trabalhadoras, fardadas ou não e toda a sua forma de organização e de expressão de classe. Ontem, por forma cobarde e ELPista destroiem as emissoras da Rádio Renascença, por aquela estação se ter colocado incondicionalmente ao lado da classe operária e dos camponeses, agora, no GDACI utilizando formas administrativas mais subtis.

Assim, os camaradas do GDACI ao terem conhecimento que o general Moraes e Silva tinha ordenado o afastamento do comandante tenente coronel Oliveira Falcão convocaram uma ass'embleia geral e decidiram:

1.º Apoiar o comandante face à sua atitude em relação ao processo revolucionário em curso;

2.º Constituir um Comité de Luta.

3.º Não aceitar a nomeação do novo comandante da Polícia Aérea e eleger para o seu lugar um oficial (alfere) da sua confiança.

Estas duas acções têm uma coisa em comum, o executor é o mesmo, tanto para o Rádio Renascença como para o GDACI, o CEMFA....

Para que esta luta avance de uma forma organizada e integrada na luta geral de todos os soldados e trabalhadores portugueses, e seja capaz de dar resposta a todas as manobras levadas a efeito pela burguesia (neste caso o agente é o CEMFA) é necessário promover o esclarecimento desta luta em todas as unidades do país. Dinamizar o processo de formação de Comissões de Soldados e promover a sua ligação aos órgãos de Poder Popular. (Comissões de Soldados, Trabalhadores e Moradores). Tanto no GDACI como em Tancos os camaradas soldados saberão responder a todas estas provocações e novas formas de repressão, de forma organizada e revolucionária.





## Aos camaradas da construção civil

As reivindicações dos trabalhadores da Construção Civil são justas e não podemos admitir que continuem a existir salários de 4500\$00 enquanto se mantêm altos rendimentos para os patrões da construção civil e enquanto certos lugares como os de administradores e de ministros têm ordenados de 45 000\$00, ou seja dez vezes superiores. Ora a carne, leite, o médico, custam exactamente o mesmo para o pedreiro ou para o administrador.

Mas os problemas dos trabalhadores não se resolvem apenas com uma subida de salários. Para que os problemas dos trabalhadores se comecem a resolver é necessário que haja um Governo Revolucionário, com um Programa Revolucionário. E para isso é preciso que os trabalhadores estejam no Poder.

Os trabalhadores da Construção Civil têm ao seu lado os trabalhadores dos outros sectores, têm a seu lado os soldados e os oficiais revolucionários.

Porque esperamos para derrubar este Governo e pôr um Governo Revolucionário? Mas uma coisa para nós é certa. Os trabalhadores por muita força que tenham, nunca poderão tomar o poder senão tiverem armas. É necessário pois desde já o armamento dos trabalhadores.

Este Governo o Governo de Pinheiro de Azevedo, que declara amor à manifestação do PRD e do PS no Terreiro do Paço e que manda "à merda" os trabalhadores que ontem falaram com ele. A burguesia é a classe dele.

Hoje, que o PRD e o PS, representantes do capitalismo e do imperialismo, pretendem vir para a rua desesperados por sentirem a força da classe operária, nós estamos dispostos a vir para a rua para os combater também a eles.

VIVA A REVOLUÇÃO SOCIALISTA!

VIVA O PODER POPULAR ARMADO!

UNIR, ORGANIZAR ARMAR!

VIVA O COMUNISMO!

13-11-75

O Secretariado Político do PRP



## Construção civil

# Quando a classe operária se ergue, a burguesia borra-se

### A MANIFESTAÇÃO

Construção Civil: Um dos sectores da indústria onde os trabalhadores são mais mal pagos. Há muitos meses que eles apresentaram uma proposta do contrato colectivo de trabalho, nunca aceite pelo patronato, cujo principal ponto era o aumento de salários.

Até Novembro deste ano, no entanto, os operários não tinham conseguido um nível mínimo de organização que lhes permitisse desencadear uma luta da qual saíssem vitoriosos. Isto, devido ao facto da maioria das empresas deste ramo ser de pequenas dimensões o que os impedia de encontrar estruturas organizativas autónomas pelas quais conseguissem chegar a formas de luta que lhes permitissem defender os seus interesses mais imediatos. Por outro lado, o comprometimento dos sindicatos com os governos provisórios anteriores ao VI, era mais um travão ao avanço da justa luta pela aplicação do CCT.

Entretanto, com o aparecimento

do VI Governo e consequentes medidas antipopulares, as condições foram-se agudizando a todos os níveis e chegou a vez dos operários da construção civil tomarem uma medida de força em relação a um governo que nada tinha a ver com os seus interesses mas sim com os interesses dos patrões que os exploram.

É Sines, onde trabalham à volta de 5000 trabalhadores que serve de alavanca para o processo. Começando numa empresa, a luta alastra-se a todo o complexo que entra em greve geral.

A partir daqui, os sindicatos viram-se obrigados, sob pena de serem completamente ultrapassados não só a apoiar a greve de Sines, como também a decretar greve nacional. A esta greve, aderiram os trabalhadores, que tinham encontrado na luta dos seus camaradas de Sines um apoio inicial para avançarem.

### HISTORIAL

Finalmente, no dia 11 de Novembro os operários da construção civil

fizeram em Lisboa e também medidas antipopulares, a manifestação que foi das maiores marchas proletárias, se não a maior, que se fez em Lisboa.

Mais de 100 000 trabalhadores manifestaram-se pelas ruas da cidade até S. Bento, numa demonstração de força que fez tremer a burguesia. E mais tremeu a canalha parasita, quando se deu conta das proporções que aquela luta ia tomar. Cobardemente, a derreter-se de medo, o ministro do trabalho (que concerta de trabalho só conhece o nome) tinha entretanto tomado as devidas precauções fechando as portas do "seu" Ministério. (Aí não que a experiência com os metalúrgicos não lhe deixou boas recordações!).

Mas esta clara demonstração de fraqueza dum membro dum governo que não consegue governar, mais fez sentir aos operários a necessidade de prosseguir até às últimas consequências. Por isso, em S. Bento, decidem que ficarão ali e não deixarão sair os ministros e os deputados enquanto as suas rei-

Continuar na pág. 6





# Uma grande manifestação — e depois?



Um aparelho de Estado velho e inútil não se converte num instrumento revolucionário, quer se utilize em nome de uma maioria de 80 000 pessoas, quer em nome de uma "minoria" de 200 000.

Os reformistas aprenderão, por experiência própria que não é uma nova equipa de homens — ligados ou com influências do PCP — quem vai mudar o aparelho de Estado, transformando-o em revolucionário.

A solução não é trocar Pinheiro por Vasco. Oxalá fosse assim tão fácil.

Esses trabalhadores que se manifestaram no Terreiro do Paço contra o VI Governo, voltarão a fazê-lo contra o VII, se os governantes continuarem empenhados em governar em nome do povo, mas... sem povo.

As manifestações destes dois últimos domingos são — embora esta última não seja só isso — a continuação da luta partidária pela conquista do aparelho de Estado, através de manifestações unitárias e partidárias. E dizemos que esta última é mais que isso, porque o povo na rua, embora tentem controlá-lo e conseguem em parte manipulá-lo, é um aviso e uma ameaça, para todos os manipuladores sejam eles reaccionários ou reformistas.

Esses grupos e partidos que como dizia o Rádio Clube no dia 15, estão com os trabalhadores quando estão fora do poder e contra eles quando estão no poder, tentarão, ainda mais vezes, utilizar partidariamente a força e a boa fé dos trabalhadores.

A disciplina não é revolucionária por obedecer a pessoas progressistas. A disciplina é revolucionária, quando é a autodisciplina das massas trabalhadoras

que só se torna efectiva na ditadura do proletariado, sendo esta concebida de modo a que seja a classe organizada que elege e controla os seus representantes.

As previsões do PS sobre o carácter insurreccional da manifestação unitária de domingo não se cumpriram. O ambiente da manifestação foi bem diferente do que se sentiu na dos trabalhadores da construção civil, uma vez que enquanto nesta, era visível a combatividade da classe, consciente da força que lhe dava a unidade, no Terreiro do Paço ouviu-se dizer — com todo o descaramento — que a Intersindical era a central única dos trabalhadores portugueses fizeram-se moções de apoio a Costa Gomes considerando-o como árbitro acima e fora do processo, que pode nele interferir decisivamente.

Mas a manifestação de domingo foi também um treino de mobilização, e os trabalhadores apesar das palavras de ordem e das moções reformistas, viram como são numerosos e como é grande o seu poder. Os reformistas não conseguirão que esse poder seja delegado em homens e forças que garantam o avanço da revolução — os ditos reformistas — porque os trabalhadores sabem que os únicos que podem garantir o avanço do processo revolucionário, são eles próprios e que, portanto, nunca vem delegá-lo, antes pelo contrário, conservá-lo sempre nas suas mãos para derrubar qualquer governo, seja ele de direita ou de esquerda — de esquerda, no momento de subir ao poder, entendam-se — quando este tentar governar contra os seus interesses.

E para que o poder esteja efectivamente nas mãos dos trabalhadores, devem aí estar também as

armas e a organização. Se os trabalhadores não estiverem unidos, organizados e armados, serão vítimas, primeiro da manipulação e, depois da repressão.

As lutas dos trabalhadores por mais que os reformistas se esforcem por virar o governo à esquerda, não vão servir, para reestruturar o MFA e o Conselho da Revolução — embora possam contribuir para isso — mas sim para que os mesmos trabalhadores tomem o poder e o exerçam. E para chegar ao governo dos trabalhadores pelos próprios trabalhadores, é necessário um governo revolucionário de transição — e não uma coligação PSP-PCP-MFA — que só revolucionário será na medida em que não vá reformar o aparelho de Estado, mas sim destruí-lo em favor do aparelho — em embrião ainda, mas pujante de força — do Poder Popular.



## CONSTRUÇÃO CIVIL

vindicações não fossem satisfeitas. Estes últimos acabaram por ter autorização para sair (Galvão de Melo, consciente dos crimes que tem praticado contra a classe operária, teve medo de sair e ficou). A partir daqui, são as duas noites de mobilização sem quebras que se seguiram. É a firme disposição de vencer que levou os trabalhadores a encontrar formas mais ou menos espontâneas, mais ou menos organizadas de luta que lhes permitiu chegar ao fim.

E os partidos reformistas que estavam ali no meio para controlar e tirar os seus proveitozinhos,

viram-se de imediato ultrapassados e foram os trabalhadores que tiveram a última palavra.

Mais uma vez, as ambiguidades dos sindicatos ficaram claramente desmascaradas. E também não se esquecerão os trabalhadores das razões que levaram o PCP a fazer uma vez mais o papel de quem quer estar a bem com Deus e com o diabo, apoiando a manifestação e condenando o "sequestro dos deputados".

Importante foi em S. Bento a solidariedade operária que veio dos mais diversos sectores de trabalho em apoio dos camaradas em luta.

## E o Governo não tem onde se meter

O VI Governo tremeu mais fortemente que nunca. O Governo que se diz da "maioria" não teve que o "salvasse do sequestro". E isto apesar da grande campanha da direita PPD-PS que fez espalhar por todo o país o estandarte do golpe, da possível tomada de S. Bento. A projectada e malograda contra-manifestação do pPD só contou com 20 valentes do fascismo.

Dizer que Pinheiro de Azevedo se desmascarou em S. Bento é ridículo. Desmascarado está ele desde que os trabalhadores deste país lhe ouviram o nome.

O que é importante, é que se por um lado a classe operária uma vez mais tomou consciência da sua força, por outro lado a direita

compreendeu bem que os seus projectos têm cada vez menos viabilidade de encontrar um mínimo apoio para a sua realização, por isso o governo cedeu e aceitou as reivindicações dos trabalhadores (enquanto Tomás Rosa diz em Viseu que elas não são para cumprir).

Por isso o governo tem já medo de estar em Lisboa e fala-se na sua transferência para o Porto.

Por isso reúne. Por isso manobra. E nós sentimos cada vez mais que ele manobra em areias movediças e não encontra a saída do labirinto em que se meteu.

Porque essa não será sua, mas dos trabalhadores. Não deste Poder que nada pode, mas de um em tudo diferente, completamente novo e edificante.



# ENSINO

## -QUAIS AS RAZÕES DA CRISE?

O ensino é em qualquer sociedade, o espelho e veículo da sua ideologia. Na sociedade capitalista ele é sempre pertença da classe dominante — a burguesia — à qual deverá servir de sustentáculo. Assim, são as escolas, as instituições que sobretudo se encarregam de injectar nas crianças e depois nos jovens os princípios segundo os quais eles se deverão reger no sentido que melhor convier ao sistema. Delas saem os técnicos, os chefes de serviço, os artistas, os professores, enfim, toda a cadeia de ministradores e agentes do capitalismo a todos os níveis, desde o assegurar do lucro, ao conservar dos esquemas ideológicos.

O ensino em Portugal durante os anos do fascismo, reflectia como não podia deixar de ser, todas as contradições do regime. Antic científico e autoritário, encaminhava os estudantes desde a escola primária para o "respeito" aos valores

DEUS-PÁTRIA-FAMÍLIA. Privilégio da burguesia para a burguesia, começou a degradar-se (do ponto de vista burguês) quando os liceus e universidades foram invadidos por um número considerável de filhos de uma pequena-burguesia sem espaço político e cultural e de alguns filhos do proletariado e do campesinato emigrado na Europa Central. Esta situação, provocou um mal-estar já incomportável a que as reformas de Veiga Simão visavam pôr termo.

Depois do 25 de Abril, muitas têm sido as tentativas da burguesia representada no MEIC de recuperação do ensino. Contudo, a política de indefinição dos sucessivos Governos Provisórios provoca nas escolas (como a todos os níveis) uma situação de profunda deterioração.

Dizer que o problema vem da falta de instalações e equipamentos, da falta de professores ou do atraso do início das aulas, é mistificar tudo. É um problema de indefinição. E não foi a qualidade das aulas que diminuiu como a burguesia quer fazer crer. O que se passa é que, se para a grande maioria dos professores a relação com os alunos só se compreende num esquema de autoritarismo, esse esquema já não é aceite pelo alunos, e daí os choques. Os alunos, sobretudo no Preparatório e Secundário, compreenderam de uma maneira por vezes bastante profunda que há que romper com tudo, que há que contestar o professor. E o que significa isto para o professor? Significa o ver posto em causa tudo aquilo para que entrou na universidade. É a sua posição de "senhor doutor" da vida, da cidade, do bairro, que vê ameaçada.



São os seus privilégios de prepotente que vê perderem-se.

Muitos sectores do MEIC alimentam ilusões reformistas que visam à transformação do ensino numa perspectiva materialista, através de sucessivas reformas e chegam a pôr por vezes o problema do ensino ligado à produção. O que é incrível é pensar-se que a grande maioria dos professores, oriundos da pequena e média burguesia, enquadrados nos partidos de direita CDS, PPD e PS possam algum dia colaborar no projecto que vise uma tal transformação no ensino.

E não contente com o panorama que se criou nas escolas, o MEIC abre a porta a todos os professores retornados (que têm prioridade sobre os outros) e aos saneados fascistas das empresas que vêm no ensino uma forma de não perderem os privilégios todos.

Mas se por um lado o ensino, do ponto de vista pedagógico se tende a degradar, o certo é que muito de positivo houve já para os alunos, sobretudo se tivermos em conta a aprendizagem que eles têm feito a nível de associativismo, de resolução colectiva dos problemas.

### A CAMPANHA CONTINUA

## A Renascença deve ser posta a funcionar

A luta da Rádio Renascença continua a estar na ordem do dia, agora para ser definitivamente dos trabalhadores, por si adquirida e por si posta novamente "no ar".

#### BREVE HISTORIAL DA LUTA

O cancelamento da chamada "produção independente", uma dupla exploração de capitalistas que alugavam tempos de emissão para vender os seus produtos foi uma das decisões tomadas pelos trabalhadores dos estúdios de Lisboa da R.R. quando em 27 de Maio ocuparam as instalações. A ocupação teve na sua origem "a inoperância da comissão Governamental e a ineditabilidade reaccionária do conselho de gerência" segundo um comunicado lido aos microfones.

O conflito tinha sido iniciado a 30-4-74 quando de uma greve de 4 dias contra a censura interna existente. A esta greve, outra se seguiu contra os despedimentos e pelo reconhecimento da Comissão de Trabalhadores, pelo conselho de gerência interrompida no dia 11 de Março por vontade dos trabalhadores quando da tentativa de encerramento da estação por parte do governo; o impedimento desta decisão pelas massas populares em manifestação que bem demonstraram a força dos trabalhadores organizados. Em todo este

processo os trabalhadores da R.R. foram-se radicalizando, até que tomaram consciência de que a sua luta teria que ser liderada pela classe operária e por todos os trabalhadores, ou seria de antemão um fracasso. Posteriormente houve a selagem do emissor da Buraca, dessealado pelos trabalhadores poucos dias depois e finalmente o atentado bombista.

#### APOIO DAS MASSAS POPULARES

Neste momento existe um grande movimento de apoio aos trabalhadores da R.R. e uma grande luta para que aquela estação emissora se faça novamente ouvir. A classe operária e todo o povo trabalhador não podem permitir de modo algum que lhes seja retirada uma das suas grandes conquistas, sendo principalmente um órgão de Informação e como tal extremamente importante para todo o processo revolucionário.

Além das inúmeras moções dos órgãos de Poder Popular, das sessões de esclarecimento sobre a luta e medidas a tomar, de todo o apoio financeiro (donativos, venda militante de autocolantes, sessões de teatro e musicais), destaca-se o apoio que o sindicato dos têxteis, lanifícios e vestuário do Sul, que colocou o tempo de emissão que lhe estava destinado no Rádio

Clube Português à disposição dos trabalhadores da R.R.

Continua também a campanha de "um dia de salário" à qual muitos trabalhadores têm adenido.

#### ALGUMAS QUESTÕES QUE SE LEVANTAM

Nesta luta inúmeras questões se levantam, questões essas que terão de ser discutidas e aprofundadas nos locais de trabalho e habitação para haver efectivamente um trabalho colectivo de massas e não um trabalho de uns tantos trabalhadores, apesar de muito bem intencionados. Uma das questões que surge logo, é a da existência de uma estação de rádio "ao serviço da classe operária, dos camponeses e do povo trabalhador em geral". Como os próprios trabalhadores da R.R. dizem uma rádio só pode estar ao serviço da classe operária quando existe a efectiva participação destes na sua programação. Mas não tenhamos dúvidas: uma estação emissora só pode ser da classe operária e como tal estar ao seu serviço desde que esteja sob o seu controlo; surge neste momento o problema da reabertura dos emissores da Rádio Renascença? Aonde? Novamente na Buraca, sujeitos a novo atentado? Os estúdios da Rua Capelo poderão continuar lá? Certamente que quem pôs bombas uma vez



não terá problema de maior em repetir a façanha, ou em fazer outro acto terrorista do género. Duas necessidades se levantam: a instalação dos estúdios numa zona de predominância operária, e a necessidade de defesa das instalações com milícias populares organizadas para o efeito. Não nos podemos deixar cair nos mesmos erros.

Mas não chega que as instalações estejam devidamente defendidas de actos terroristas, e que haja efectiva participação dos trabalhadores na programação. A falta de uma direcção político-militar que se sente no dia a dia, para dar resposta organizativa a todo um avanço de direita e a toda uma tentativa de controlo dos trabalhadores também lá dentro, nos estúdios. Essa falta de uma direcção que possa coordenar todo o tipo de necessidades que existem, se faz sentir. Esse coordenador tem efectivamente que funcionar por trabalhadores eleitos para esse fim. Representativos de largas massas, com poder real de decisão sobre programação, prioridades, todo o controlo de que uma estação de rá-

dio ao serviço das massas populares, necessita. Os órgãos de Poder Popular, podiam desde já, começar um trabalho de elaboração de um projecto de estatutos que viesse a reger a sua estação de Rádio.

Todos estes problemas poderão servir de base de discussão e reflexão nos locais de trabalho e habitação. No entanto, a discussão destes problemas não se poderá fazer afastada da discussão da organização dos trabalhadores, da necessidade de armamento destes e da insurreição armada.

A organização a nível de Rádio Renascença está e estará sempre directamente ligada à organização da classe operária, e a Renascença poderá ser um dos reflexos desse poder organizativo.

Por isso dizemos: **RÁDIO RENASCENÇA A FUNCIONAR** — JÁ, como também dizemos, que a **INSURREIÇÃO ARMADA É A ÚNICA VIA REVOLUCIONÁRIA PARA QUEBRAR O IMPÁSSE POLÍTICO QUE EXISTE A FAVOR DO OPERARIADO E DOS TRABALHADORES EM GERAL.**



# angola

## O GOVERNO PORTUGUÊS CONTINUA A TRAIR O POVO ANGOLANO

No passado dia 11 de Novembro nasceu um novo país independente e progressista — a República Popular de Angola, cuja existência foi proclamada por Agostinho Neto, Presidente do MPLA.

A República Popular de Angola aparece num contexto particularmente agudo e tenso, uma vez que o território angolano é alvo de uma violenta invasão por parte das forças imperialistas (Zaire-FNLA ao Norte e África do Sul-UNITA-FNLA-ELP ao Sul) que mais não são senão agentes directos do imperialismo norte-americano.

Neste âmbito e atendendo ao facto dos nossos actuais brgãos do poder estarem na estreita

dependência do imperialismo, não é de espantar a atitude que Portugal assumiu face a Angola, a qual constituiu, tal como previmos na última análise que fizemos sobre o problema angolano, em reconhecer teoricamente a soberania do povo angolano enquanto povo independente, mas não reconhecer na prática e de facto os brgãos de soberania (governo, etc.) desse mesmo povo e dessa mesma nação.

Assim, e apesar de serem públicas as tentativas que alguns elementos do chamado Conselho da Revolução têm feito para reconhecer o governo constituído pelo MPLA, a verdade é que Portugal ainda não conseguiu a

margem de manobra (em relação ao imperialismo) que lhe permitisse o reconhecimento dos actuais brgãos de soberania do povo angolano.

Este facto é particularmente importante, não apenas pelas consequências que poderão advir para o contencioso das nossas relações económicas, culturais, militares e diplomáticas com Angola, mas também porque a deterioração destas relações poderá ser extensiva à Guiné-Bissau, Moçambique, etc. Isto é, o facto de Portugal não reconhecer o actual governo de Angola pode acarretar dificuldades e mesmo um eventual corte das relações com as nossas ex-colónias.

tamente o governo português do povo português.

Salientamos, a propósito um pedaço de conversa que tivemos com um dos comandantes das FAPLA no Grafani, na qual este nos dizia

que os soldados das FAPLA encaravam como "uma necessidade" a reconstrução dos quartéis criminosamente destruídos nos dias que antecederam a independência de Angola.

### Governo: Pelo poder popular e contra a burocratização do Estado

Três dias depois da declaração da independência o povo angolano tomou conhecimento do elenco ministerial que constitui o seu primeiro governo.

Presidido por Lopo do Nascimento e tendo no seu seio, só para citar alguns nomes, homens como Nito Alves (ministro da Coordenação Interna), Iko Carreira (ministro da Defesa) e João Filipe (ministro da Informação), o actual governo de Angola é uma importante pedra de toque que permite avaliar a justeza das posições políticas que deverá assumir.

Num país em que os brgãos de Poder Popular (Comités Operários, de Bairro, milícias populares, etc.) assumem um relevo importantíssimo, é efectivamente encorajador ouvir Lopo do Nascimento, no seu discurso de tomada de posse, afirmar a sua determinação em lutar contra a burocratização do aparelho de estado e, consequentemente, incentivar o preenchimento da máquina do Estado pelo Poder Popular.

A organização do Poder Popular em Angola será objecto no nosso próximo número de uma análise mais detalhada mas não queremos, no entanto, deixar desde já de sublinhar a nossa profunda convicção de que enquanto existirem organismos com esta criatividade e dinamismo, o processo revolucionário em Angola continuará a avançar no campo político e militar.

Quanto à situação militar, temos oportunidade de contactar directamente com soldados e comandantes das FAPLA, quer em Luanda quer na frente norte.

O que mais nos impressionou foi a confiança e a moral extraordinariamente elevados que os guerrilheiros e as guerrilheiras demonstraram ter, o que só se compreende se atendermos a que se trata de um exército popular

composto por soldados que, não recebendo qualquer salário, sabem perfeitamente o motivo pelo qual estão a combater.

Com efeito os camaradas das FAPLA sabem não apenas caracterizar e definir o inimigo, mas também interpretar de um modo simples e claro, a natureza de classe do conflito existente em Angola.

Recordámo-nos, a propósito, de um guerrilheiro das FAPLA de 20 anos de idade, que após lhe perguntarmos há quantos anos estava no MLPA, nos respondeu que era militante do MPLA há 13 anos, pois que, quando tinha 7 anos, acompanhou o pai, também ele combatente do MPLA, para a frente de combate.

Imaginemos pois o que é um guerrilheiro que, com 20 anos de idade, toma desde os 7 anos parte directa na luta armada e na produção agrícola das terras libertadas! Tudo isto tornou-nos perfeitamente claro que caso cesse o apoio militar imperialista a guerra em Angola também terminará, já que tanto a FNLA como a UNITA só conseguem subsistir com o auxílio dos países imperialistas.

É justamente este auxílio que tem feito com que, nas últimas três semanas as FAPLA tenham sofrido algumas derrotas.

No entanto sendo verdadeiramente o povo em armas, as FAPLA vencerão a guerra em Angola contra o imperialismo e os seus agentes neo-colonizadores.

Cabe aqui uma referência especial ao papel dos pioneiros, rapazes e raparigas que, com idades variáveis sensivelmente entre os 6 e 14 anos, trabalham na produção e na organização militar. Também no próximo número nos referiremos mais em pormenor ao papel que pensamos ser fundamental dos pioneiros.

### O terrorismo português antes do 11 de Novembro

Convém aqui salientar que os últimos dias da presença colonialista em Angola (só existindo nas áreas controladas pelo MPLA) foram marcados por actos terroristas e de sabotagem

Assim, para além de na manhã do 10 de Novembro Leonel Cardoso ter insultado a vanguarda do povo angolano, o MPLA, há que ter em consideração que os últimos militares portugueses que abandonaram Luanda destruíram, de um modo criminoso e terrorista, diverso material existente nos quartéis

A delegação do nosso partido que se deslocou a Angola a convite do MPLA teve a oportunidade de visitar o ex-R.I. 20, o quartel do Grafani e ainda um dos quartéis da Polícia Militar.

Aí podemos observar 10 000 G 3 a que os militares portugueses roubaram as culatras, para que os herbícos camaradas das FAPLA (braço armado do MPLA) as não

podessem utilizar; as dezenas de "berliets", "jeeps", "canhões", "uni-mogs" e outro material de guerra intencionalmente destruído, por vezes lançado contra árvores(!), para que não fosse posto ao serviço da revolução; a imensa quantidade de óleo, feijão e outros géneros alimentícios que foram deitados por terra; os dois aviões "Nord-Atlas" que ficaram na Base Aérea... sem motor; os cortes feitos nas instalações eléctricas e telefónicas do Grafani e as crateras do pavimento de um dos quartéis da P.M., para que não ficasse operacional.

Além de estragar todo este material, o colonialismo português teve ainda a preocupação de retirar dos hospitais de Luanda a quase totalidade do material esterilizado!

Todos estes actos, que contrastam grandemente com a entrega em excelentes condições das bases militares do norte à FNLA (caso da Base Aérea do Negage, considera-



Uma das 10.000 G-3 existentes no ex-R.I. 20 (Luanda); as culatras foram miseravelmente roubadas pelos colonialistas portugueses, dias antes de abandonarem Angola

do uma das melhores de África) e com as do Sul (Nova Lisboa, etc.) à UNITA, são severamente criticadas pelo povo angolano, o qual apesar de tudo isto, sabe distinguir perfeitamente



### Angola e o «Terceiro Mundo»

A situação em Angola é decisiva para todos os países progressistas do mundo e, de um modo especial, para os países do chamado "Terceiro Mundo".

Com efeito, e qualquer que seja o desenvolvimento a curto prazo da

luta armada em Angola, a situação neste país está já a demarcar em África dois campos de países muito nitidos: de um lado os que reconhecem Angola independente e o governo do MPLA; do outro os

Continua na pág. 15



# Alternativa: Revolução socialista



Que margem de manobra tem a burguesia espanhola na crise actual? Dentro da estrutura de classes que compõe a sociedade espanhola, a grande burguesia, escandalosamente minoritária — 3% da população activa — controla directa ou indirectamente, todo o poder económico. Mas isso não basta para que as coisas corram tal como eles gostariam. As contradições existentes tanto no seu próprio seio como com as outras classes em especial com a classe operária, a nível nacional e internacional, provocam uma crise difícil de controlar e solucionar. Aquilo que já era claro noutras situações, torna-se aqui evidente uma vez mais: a burguesia só actua como um bloco monolítico, quando isso serve os seus interesses de classe. Há momentos em que a radicalização das situações pode actuar como elemento desintegrador em vez de unificador. Na situação actual por exemplo, podem-se ver grupos representantes do capitalismo monopolista a tentar formar ou recuperar partidos de cariz democrático burguês (tipo democracia Cristã, Esquerda Democrática Espanhola) junto com a pequena e média burguesia, outros, tentam plataformas de entendimento com o PSOE e o PCE caso típico, é o Centro Económico Catalão onde, numa reunião há pouco tempo, os empresários chegaram a empregar esta linguagem. Carlos Ferrer: "Só um pacto entre autênticos representantes dos trabalhadores com os empresários e o Governo pode diminuir as tensões actualmente existentes sobre as empresas e a sociedade".

Santiago Rordan: "A situação é

crítica e aos empresários cabe um papel de primeira ordem na alteração democrática necessária."

Nesta reunião os empresários presentes, coincidiram na opinião de que deviam encontrar interlocutores válidos entre os operários, para que a "empresa espanhola avançasse pelo mesmo caminho que as empresas dos países democráticos ocidentais".

Outros, os mais conservadores, (a aristocracia das finanças e dos agrários) protegem-se por trás da repressão e pensam que qualquer abertura, por pequena que seja, é loucura e suicídio. Dizem que deverão evitar as transformações por pequenas que sejam porque "a Revolução começa por pequenas reformas". É este o lema que contrapõem a "há que transformar algo para que tudo continue igual" dos oportunistas.

Sendo assim, representantes do capitalismo-monopolista e do imperialismo, encontram-se em todas as frentes, à excepção da esquerda revolucionária; entre os fascistas imobilistas, entre os democratas cristãos entre os social-democratas, "Carrilistas" (do PC de Carrillo); mas os pactos não irão longe, porque à crise económica com que Espanha se vê a braços tal como o resto do mundo capitalista, soma-se a inexistência de estruturas políticas adequadas para resolver a crise de uma forma pacífica e eficaz. Estas estruturas, não se criam do dia para a noite e muito menos quando ambas as crises — a política e a económica — se estimulam e se potenciam mutuamente, e a classe no poder perde força e começa a desagregar-se.

## SITUAÇÃO ECONÓMICA

Apesar da Espanha ser a 10.ª potência industrial do mundo, o aparelho económico está longe de ser aquilo que se necessitaria para fazer face à crise.

Isso porque: (eis alguns sintomas):

— A agricultura continua a ser uma das mais atrasadas da Europa, com um rendimento de 1171 dólares de renda por agricultor, quando, a título de comparação, em França, se chega a 3313 e os EUA alcançam 8448.

— Existe um índice elevado de desemprego. Isto sente-se, independentemente das cifras que se dão oficial e extra-oficialmente (ambas de pouca credibilidade), em muitas actividades, especialmente na construção civil, têxtil e agrícola, isto sem contar com as dificuldades que os jovens encontram quando querem começar a trabalhar.

— Há uma dependência económica, financeira e tecnológica da Europa e dos EUA — 30% das grandes empresas industriais pertencem a esses países, além de a quase totalidade das outras dependerem deles, quer seja tecnológica, financeira ou comercialmente — o que implica que a economia espanhola seja bastante vulnerável a qualquer crise exterior.

— O Estado mostra-se incapaz de empregar o potencial económico do sector público para nacionalizar e equilibrar o desenvolvimento. Também dentro do quadro político-económico actual, não é possível fazer uma reforma fiscal adequada às necessidades de um capitalismo desenvolvido.

**Poderá a classe trabalhadora oferecer uma alternativa?**

Qual o grau de consciência e o nível de combatividade dos trabalhadores nesta crise? Poderão oferecer uma alternativa?

Parece que todos os bons

observadores, internos e externos ao movimento operário espanhol, coincidem ao dizer que a combatividade é muito elevada e estão alcançadas as formas autónomas de organização a nível das empresas. A classe trabalhadora tem-se excedido em imaginação e coragem para levar adiante formas de luta muito diversas, perante uma repressão que não afrouxou em nenhuma altura durante estes 36 anos de pós-guerra.

Coincidem também, todos os bons observadores em afirmar a inexistência de uma coordenação das lutas a nível do Estado espanhol e nas perniciosas consequências que isto acarreta às lutas locais. A falta desta organização revolucionária é uma queixa unânime de todos os revolucionários espanhóis.

Não falta quem atribua a inteira responsabilidade desta carência ao PCE, partido que todos concordam em reconhecer como o mais implantado, e ainda que a sua existência ilusória como Partido Comunista, impediu o verdadeiro Partido Comunista de nascer. É precisamente esta impossibilidade que os trabalhadores têm, de se expressar através de uma organização, o que faz — dizem — com que não possam apresentar uma alternativa revolucionária à crise e que, no melhor dos casos, só possam servir de catalizador para possibilitar um governo mais aberto e democrático. Considera-se o proletariado útil para a destruição do fascismo, mas incapaz de construir o socialismo, a curto ou médio prazo, tendo pelo menos em carta os dados actuais.

Mas, estes materialistas realistas, que dizem ter em conta todos os factores antes de fazer um diagnóstico, esqueceram a dinâmica do processo, à força de ver as coisas através dos seus óculos de "vanguarda revolucionária ideal" — indispensável

para fazer a revolução. Dinâmica do processo que se traduz na relação de forças entre as classes, umas que descem e outras que ascendem, umas que já são incapazes de encontrar soluções válidas para o conjunto dos homens que compõem uma dada sociedade outras que têm tendo já no seu seio, um embrião das soluções necessárias a um prazo muito longo.

Para não enterrar o processo há que evitar cair no outro extremo do subjectivismo: o fatalismo pessimista, que surge sempre da frustração colectiva que se produz quando a rebelde realidade se nega a submeter-se aos esquemas teóricos do grupo e os mostra na sua realidade: idealismos incapazes de uma mínima análise e transformação.

Negar a necessidade dum "vanguarda revolucionária", existente só em esquemas do passado e na imaginação ansiosa de poder de uma pequena burguesia voluntarista sem outros meios para chegar ao poder do que a "revolução", não equivale a negar o papel e a importância da vanguarda revolucionária.

A vanguarda revolucionária é aquela através da qual se torna possível a Revolução Socialista. Apóia-se nas experiências do passado só na medida em que elas ajudem a transformar a realidade presente, e submete-se a limites apenas para adquirir a força necessária para os ultrapassar. Sabe que não existe revolução sem a superação da lógica válida até este momento, e que há que combater as ideias burguesas de capa revolucionária introduzida no movimento operário e na mente dos revolucionários. Prespectivar correctamente a questão da vanguarda revolucionária não é possível sem fazer uma avaliação adequada da violência revolucionária e a sua relação com as

Continua na pág. 14





# ANTE-PROJECTO DO EDUCAÇÃO

## 1. ENSINO E CULTURA

A sociedade capitalista fundamenta-se na divisão social do trabalho que tem como consequência a divisão da sociedade em classes.

A sociedade capitalista serve-se do ensino, para assegurar a exploração capitalista, para isso cria hierarquias paralelas às que encontramos no modo de divisão do trabalho, que têm como função principal a obtenção de um maior lucro.

E através do ensino que a classe dominante, dona dos meios de produção consegue controlar o acesso à cultura e às técnicas. Para isso servia-se de dois tipos de ensino profundamente diferenciados — um essencialmente técnico e prático para onde eram canalizados os filhos das classes exploradas e que tinha como função assegurar mão de obra especializada; o outro baseava-se no ensino teórico e académico tinha como função receber os filhos da burguesia e conduzi-los às universidades, donde sairiam os filhos da burguesia e conduzi-los às universidades, donde sairiam os futuros quadros dirigentes, ao serviço do capitalismo.

Para esta divisão contribuía também o ensino não gratuito ou falsamente gratuito. Dizemos falsamente gratuito, porque ainda que na escola os alunos pudessem não pagar (propinas, livros, etc.) a classe operária não dispunha dos meios necessários para fazer face a uma não rentabilidade monetária, pou que os seus filhos deveriam ser uma fonte de receita.

Assim, o operário chegando ao local de trabalho, é apenas um agente da produção, sem qualquer controlo sobre a produção a cujo funcionamento global ele é alheio.

Para assegurar a passividade do operário, que é levado a não descobrir a sua própria força, tem a escola um papel primordial.

Profundamente autoritária e repressiva a escola impedia que o aluno pensasse na realidade circundante e se limitasse apenas a absorver os conhecimentos que lhe eram ministrados sem nunca os pôr em causa.

O autoritarismo passa além da escola às classes para se instalar no seio da própria classe trabalhadora (capatazes, chefes de pessoal, etc.).

Contudo para a criação de uma sociedade socialista o ensino não deve ser simplesmente anti-autori-

tário mas deve ser dada uma educação no sentido da luta de classes em que se porá em evidência a diferença entre anti-autoritarismo e a conquista de uma disciplina revolucionária.

Se por um lado o ensino revolucionário é por direito natural e dever social uma escolaridade obrigatória de 13 anos, por outro complementa a revolução política e económica (alteração do aparelho de estado, pelo controlo do mesmo pelo proletariado).

Como exigência programática, o ensino revolucionário terá de ser um ensino científico, o que à partida nos coloca a necessidade de experimentação da prática, para se poder criar uma estrutura, estando errado o adoptarmos um esquema rígido de ensino que estará certo noutras realidades, mas que nestas só a prática o dirá. A partir daqui sabemos sobretudo o que não fazer. A prática prova-nos quanto a estrutura actual que tem sido reformada desde Passos Manuel, mas se mantém nas linhas gerais, foi criada e tem sido utilizada para servir o capital; o primado do indivíduo, a criação de cérebros do regime, a criação de uma cultura estilista colocada em posição de privilégio e descaradamente frontal à cultura popular que é desprezada ou paternalisticamente folclorizada.

A prática revisionista que propõe a substituição do primado do indivíduo pelo do grupo, mas aprova a fábrica de cérebros do regime, com a defesa de que o regime agora é outro, cria de facto, a situação falsa de uma elite que passará mais tarde ou mais cedo a controlar o aparelho de estado transformando a ditadura do proletariado numa ditadura dos cérebros do regime — os burocratas, que oportunisticamente se servem do poder de Estado, constituindo uma casta.

A partir destas reflexões, tentamos apresentar algumas hipóteses do que deverá ser o ensino na sociedade socialista de transição após a conquista do poder pelo proletariado em Portugal.

Este trabalho divide-se em duas partes distintas:

- 1 — Descentralização do ensino ligado à produção.
- 2 — Escolaridade obrigatória. Graus de ensino.

A partir do n.º 48, o "Revolução" passou a publicar os vários capítulos do ante-projecto do programa do PRP-BR que neste momento circula nas bases deste partido. O ante-projecto foi feito pela direcção, mas sobretudo foi elaborado por grupos de trabalho directamente ligados com os problemas versados. Os grupos de estudo não são portanto elites de militantes, desligados da realidade, mas grupos de acção, que escrevem sobre o que é a sua experiência de todos os dias: organização, ensino, habitação, saúde, etc.

Alguns capítulos estarão portanto escritos de forma inacabada. Pondo este ante-projecto a público pretende este partido que ele seja discutido fora da organização, entre os trabalhadores. E pretende também que críticas e novas propostas cheguem ao PRP-BR, no sentido de ampliar o mais possível a discussão e de ventilar a nossa própria experiência. Esperamos essa contribuição de todos aqueles que, não sendo agora militantes, possam ser simpatizantes ou amigos do PRP-BR. Ou ainda aqueles que estão interessados em discutir um programa revolucionário de e para os trabalhadores.

## 2. DESCENTRALIZAÇÃO DO ENSINO — ENSINO LIGADO À PRODUÇÃO

Os trabalhadores devem ensinar aos estudantes conhecimentos práticos de que estes necessitam, ao mesmo tempo que os professores e alunos devem dar aulas aos trabalhadores sobre assuntos em que estes se queiram esclarecer.

As matérias devem ser divididas em:

- 1.º Programa teórico.
- 2.º Programa prático ligado ao trabalho produtivo e às populações locais.

1.º — As escolas das diferentes regiões e localidades devem definir localmente os seus programas, dentro das linhas gerais estabelecidas, de modo a que estes se adaptem o mais possível às necessidades da região e ao futuro desenvolvimento agrícola e industrial.

A definição destes programas deve ter a colaboração de toda a população trabalhadora da região de modo a que aqueles que provêm do ensino burguês não imponham uma orientação que nada tenha a ver com esta.

Deve ser dada prioridade à introdução nos programas de ensino de técnicas adquiridas colectiva e individualmente pelos trabalhadores, desde que elas sejam de certo modo eficazes, podendo estas ser aperfeiçoadas pelos estudantes, professores e técnicos de modo a que o ensino perca o mais rapidamente possível o seu carácter burguês e até que estas profissões se integrem umas nas outras.

2.º — A ligação do ensino aos

trabalhadores e habitantes da região deve realizar-se por diversas formas:

Mútua colaboração entre aqueles e os alunos na educação mútua, aquisição de cultura, produção e descoberta de novas técnicas aplicáveis na produção.

Os estudantes devem, durante as aulas, elaborar e escolher textos sobre diversos assuntos de interesse colectivo, promovendo-se a discussão; e, nos casos em que os trabalhos revelem interesse deverão ser utilizados a rádio e a TV na sua difusão. Estes trabalhos devem ter como finalidade principal a educação dos trabalhadores e estudantes devendo por isso o conteúdo destes estar relacionado com as limitações culturais impostas a todos pela sociedade burguesa (assuntos: economia política, sociologia, etc.).

O ensino das artes (teatro, música, dança, etc.) deve ser ligado às manifestações artísticas colectivas realizando os alunos com a colaboração das populações locais, o maior número possível de espectáculos tendo em vista a educação artística e intelectual e ainda a ocupação das horas livres com actividades recreativas mas simultaneamente educativas.

As tarefas principais da educação (ensino numa sociedade socialista de transição são: A libertação do homem de todas as ilusões mediante a transformação revolucionária da consciência e o desenvolvimento da acção transformadora do homem sobre o meio pelo trabalho colectivo.

Assim, e tendo em conta que a educação deve possibilitar o desenvolvimento do homem socialista em todos os seus aspectos, o ensino teórico nas escolas deverá estar sempre ligado ao trabalho produtivo.

Depois da tomada do poder pelo proletariado, o ensino terá de ser modificado radicalmente, tendo em vista a criação da sociedade socialista.

Todos os cidadãos têm direito ao ensino que deverá ser gratuito. Serão concedidos salários aos estudantes.

Para que o direito ao ensino seja um facto, as escolas deverão estar espalhadas por todo o país. As escolas serão adaptadas ao programa e ao funcionamento às necessidades da zona podendo ser diferentes conforme são rurais ou urbanas. O ensino distinguir-se-á apenas pelas condições locais. De-

vendo no entanto ser feito um esforço para diminuir essas diferenças. Nas escolas em zonas de terras cultiváveis realizarão trabalhos (produtivos ou não) no campo, relacionados com matérias teóricas. Estabelecer esta relação entre os trabalhos teóricos e práticos pode ser relativamente fácil na medida em que uma parte da matéria teórica será definida de acordo com as necessidades locais.

Os alunos deverão realizar um certo trabalho produtivo conforme a idade e capacidade.

Alguns trabalhos da escola tais como o serviço de secretaria, limpeza e pequenas reparações deverão ser executados pela população escolar.



## PROGRAMA DO PRP-BR

## EDUCAÇÃO

## O ensino deve ser um ensino de classe

## Deve haver portanto uma estreita relação entre os trabalhadores e a escola

Os alunos destas escolas deverão ter também trabalho teórico ou prático que será realizado ao longo do ano, nas fábricas locais, (regionais caso elas não existam os alunos deverão durante um certo período escolar realizar esse trabalho em fábricas fora das zonas). Este mesmo período será aproveitado para que os alunos ligados a esta

fábrica, se os houver se desloquem para o campo.

Nas escolas ligadas à fábrica os alunos realizarão ao longo do ano escolar, um trabalho teórico-prático sendo uma parte do trabalho prático também produtivo de acordo com a idade.

Os alunos serão deslocados,

num certo período do ano escolar, para zonas rurais, no sentido de participarem nos trabalhos agrícolas e de se inteirarem, das características dessas zonas.

O ensino deve ser um ensino de classe.

Deve ser portanto estabelecida uma estreita relação entre os trabalhadores e a escola.



é sinónimo de dores, de sofrimento apenas e em vez de se prepararem para ter um filho saudável com um mínimo de dores, preparam-se para as dores do parto e aguardam impacientes e ansiosamente. Esta impaciência e ansiedade também é transmitida à criança sendo-lhe bastante prejudicial embora a fase inter-uterina tenha uma importância bastante grande, já no desenvolvimento da criança achamos que é um assunto a ser mais aprofundado no sector da

saúde, dado que é mais da sua competência.

Nem todos os locais de trabalho serão convenientes para a mulher grávida (poluição, pesos excessivos, etc.) pelas consequências que daí resultam para a criança.

Como solução achamos que no caso do meio de trabalho ser considerado nocivo, a mulher grávida terá direito a mudar para um local de trabalho onde faça tarefas de acordo com as suas possibilidades.

### 3. ENSINO INFANTIL

O período até à idade escolar é um dos períodos mais importantes da vida do indivíduo, na medida em que o seu desenvolvimento físico, psíquico e afectivo está dependente do desenvolvimento que teve neste período.

A responsabilidade por cada criança, mesmo antes de ela nascer deverá ser assumida pela sociedade onde todas as crianças serão integradas em plano de igualdade, tanto no meio social como no meio

político, económico e educacional. Contudo cabe aos pais um acompanhamento mais directo com a criança para que ela se sinta segura e equilibrada.

Até à idade escolar as crianças passam por quatro fases distintas no seu desenvolvimento:

- 1 - Fase inter-uterina
- Fase após o nascimento até um ano
- Fase de 1 ano até aos 2,5 anos
- Fase dos 2,5 até aos 5 anos.

#### FASE INTER-UTERINA

Consideramos que a partir do momento em que um indivíduo é gerado começa logo a sofrer a influência do meio ambiente, motivo porque tivemos em conta esta fase.

Devido aos preconceitos morais existentes (contra os contraceptivos, aborto, filhos fora do casamento legal, etc) muitas crianças nascem contra a vontade dos pais e da sociedade o que normalmente provoca distúrbios psíquicos nas crianças, podendo estes prolongar-se pela vida fora. Por isso cada criança que nasce deve ser desejada, sendo de grande importância um plano de educação sobre o planeamento familiar destruindo assim os preconceitos morais da sociedade capitalista.

O período inter-uterino é bastan-

te delicado para a criança, porque nela ela pode adquirir doenças, chamadas doenças congénitas.

A embriaguez, a falta de alimentação suficiente em proteínas, vitaminas, sais minerais, etc. assim como a falta de higiene (corporal) e de habitação salubre, podem originar doenças com as quais as crianças já nascem e que irão dificultar ou impedir o seu normal desenvolvimento.

O sistema de parto sem dor em que a mulher grávida tem conhecimento do que se está a passar com ela, actuando de uma forma racional, através da sua alimentação, ginástica, higiene, etc. devia ser desenvolvido entre nós para uma maior consciência e conficimento do que é a gravidez.

Para muitas mulheres a gravidez

#### DO NASCIMENTO ATÉ UM ANO

Consideramos que o 1.º ano de vida é fundamental no desenvolvimento da criança, sobretudo no plano afectivo. Este é um período em que a criança tem a sua sensibilidade e receptividade em maior potência, tendo por isso necessidade de receber cuidados especiais.

Os cuidados especiais consistem não somente na saúde física mas na saúde psíquica e afectiva.

Para a saúde afectiva é indispensável a relação exclusiva da criança com uma pessoa, de conveniência a mãe, para a alimentar, a pôr confortável, a acarinhar, etc.

A mudança sistemática da pessoa que satisfaz à criança as suas necessidades vitais é hoje considerada causa de instabilidade assim como de grandes perturbações afectivas que se manifestarão mais tarde em adulto.

Por isso, consideramos que a criança deveria estar durante este período (1 ano) em casa não só para ser tratada pela mesma pessoa como para não mudar de ambiente. Assim a mãe estaria com a criança até aos 6 meses e a partir deste período passaria a trabalhar em roulement com o pai, de modo a haver uma limitação (na vida social) repartida, acabando assim com os

privilégios concedidos ao homem normalmente demitido das suas responsabilidades educativas.

No entanto, porque devemos ter em conta a realidade económica portuguesa, com a necessidade do aumento de produção, isto é impraticável. Assim fizemos as alterações que nos pareceram correctas.

Então dividimos em 3 períodos: Dos 0 aos 3 meses; dos 3 meses aos 6 meses e dos 6 aos 12 meses.

#### DOS 0 AOS 3 MESES

A criança ficará ao cuidado da mãe enquanto esta está com licença de parto a restabelecer-se.

#### DOS 3 AOS 6 MESES

A mãe entrará (ao serviço) na produção não a tempo inteiro mas sim com um aumento progressivo de tempo de trabalho. Neste período a mãe deve ter um horário livre de acordo com as necessidades da criança, que entra para a creche. Na creche será a mãe que satisfará as necessidades vitais da criança diminuindo progressivamente a sua presença junto da criança, para melhor adaptação desta.

Continua na pág. 12





# ANTE-PROJECTO DO PROGRAMA DO PRP-BR

## EDUCAÇÃO

### 4. ESQUEMA DE ESTRUTURA DE ENSINO

Apoiados na planificação económica localizámos as fontes de produção (1) e criámos neles células de ensino (2) e dentro destes dois princípios:

- 1 - Todo o professor é um técnico.
- 2 - Todo o aluno é um trabalhador.

(1) - Fontes de produção: fábricas e complexos agrícolas ou agro-pecuários.

Correlacionados existem os elementos de ligação com a planificação que são os centros de fornecimento de matérias-primas, de instrumentos para a lavoura, de créditos e seguros, de apoio logístico e técnico especializado, de bens de consumo e os hospitais e outras casas de assistência social. Nesta fase de ensino só nos interessam as fábricas e os complexos agrícolas e os agro-pecuários.

(2) - Células de ensino: junto aos elementos focados em (1) funcionarão salas e campos de jogos para os tempos lectivos e livres do dia útil do sector populacional estudado.

O ensino será basicamente técnico e contará com três conjuntos - formação intelectual

- Educação física
- Instrução politécnica

Por instrução politécnica entendam-se os conhecimentos que os alunos deverão adquirir no sentido de uma formação científica em relação aos fundamentos dos processos de produção, assim como treinos no uso prático dos instrumentos elementares de todos os trabalhos.

Por formação intelectual entendam-se a formação política, ideológica, estética com base científica. Aqui caberá o estudo da história, da literatura, da língua materna e línguas estrangeiras.

**FORMAÇÃO POLITICA** - O estudo da organização da sociedade, com a compreensão de todos os seus mecanismos (económicos, sociais e políticos).

Como apoio a este elemento os alunos deverão estudar diversos processos de gestão das fábricas comunitárias agrícolas, organizações sindicais, etc.

#### FORMAÇÃO IDEOLÓGICA

Aprendizagem da metodologia teórica dialéctica, para uma correcta interpretação da natureza e do homem.

Aqui deverá combater-se sempre o individualismo, o idealismo, a num torço para a transformação revolucionária da consciência.

**FORMAÇÃO ESTÉTICA** - A arte deverá ser compreendida como um produto determinado entre outros factores pelas relações de produção existentes. A arte é sempre um reflexo embora indirecto e complexo da realidade. Num sociedade socialista ela deverá estar ao serviço das massas trabalhadoras e deve tender a ser executada de forma colectiva. A liberdade de novas experiências deve fazer parte da desalienação do homem.

**HISTÓRIA** - O movimento histórico deverá ser analisado segundo um ponto de vista de luta de classes.

**LITERATURA** - No estudo da literatura há que ter em conta a literatura contemporânea que terá que ser cuidadosamente analisada como reflexo das contradições da sociedade em que ela foi produzida. O estudo da literatura das épocas anteriores caberá no elemento história.

**LINGUA MATERNA** - A par do estudo sincrónico (estudo das línguas na fase actual) deverá fazer-se o estudo diacrónico da língua (estudo histórico dos processos evolutivos). A linguagem não terá que ser estereotipada, mas sim uma linguagem livre e popular, respeitando-se os dialectos.

**LINGUA ESTRANGEIRA** - Cada aluno deverá estudar obrigatoriamente uma língua estrangeira que poderá escolher.

- Francês
- Inglês
- Russo
- Alemão

O ensino das línguas deverá assentar no uso de métodos audiovisuais.

As artes plásticas, o espectáculo, e os mass-média, deverão funcionar como complemento ou como apoio destas matérias.

**EDUCAÇÃO FÍSICA** - Ao contrário do que o nome possa

indicar, educação física não pode, num contexto progressista, menos integrado numa sociedade de transição ou propriamente socialista, ser encarada apenas como educação do "físico".

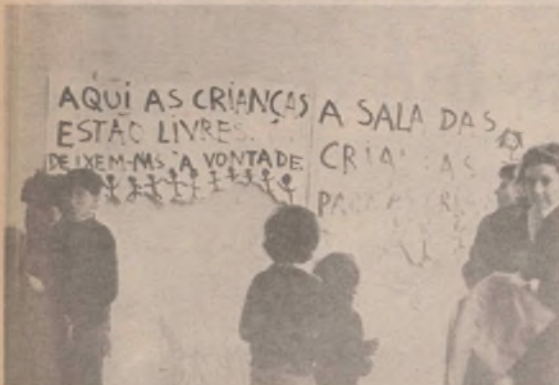
Conterá em si, é evidente também esse aspecto, mas a sua finalidade primeira será essencialmente educação pela prática corporal, que fazendo recursos quer da atenção, quer da memória, quer da capacidade associativa do ser humano em formação, visará o seu desenvolvimento intelectual para além de como já atrás foi referido, visar um desabrochar equilibrado das capacidades físico-motoras e um maior aperfeiçoamento das qualidades quer de resistência física quer de rapidez das respostas motoras.

Outras das finalidades fundamentalmente perseguidas será a da integração do indivíduo ao grupo dando-lhe através da prática fundamentalmente desportiva, noções de cooperação, cortando cerce, qualquer tipo de manifestação competitiva, menos sadio, evitando ou corrigindo tendências alienatórias, será assim protegido todo um processo de cooperação e consciencialização dentro do grupo, cujas finalidades são no aspecto desportivo as mesmas, no momento da prática em questão.

Assim:

- 1 - Desenvolvimento físico-motor.
- 2 - Desenvolvimento motor propriamente dito.
- 3 - Desenvolvimento de determinadas capacidades psíquicas compatíveis com a prática da disciplina.
- 4 - Desenvolvimento da resistência à fadiga.
- 5 - Desenvolvimento da consciência grupal e posteriormente da consciência de classe.
- 6 - Desenvolvimento de perspectivas de vantagem da cooperação sobre a competição.

Integradas numa perspectiva eminentemente socialista são, estes os objectivos principais que julgamos possível atingir através da prática dessa disciplina.



#### DOS 6 AOS 12 MESES

A partir dos 6 meses a mãe trabalhará a tempo inteiro embora lhe seja concedido tempo para continuar a alimentar a criança.

**CRECHES** - As crianças irão para as creches a partir dos 3 meses.

Haverá creches de bairro ou de locais de trabalho.

- As creches de bairro destinar-se-ão às crianças das zonas rurais.

- As creches de local de trabalho destinar-se-ão às crianças dos meios operários.

De local de trabalho não significa

que em cada oficina ou fábrica haja uma creche mas que haja creches nas zonas operárias para facilitar a deslocação da mãe num menor espaço de tempo.

As creches devem situar-se fora da poluição e onde haja espaços verdes.

Sobretudo nos primeiros meses é de grande importância que a criança seja amamentada não só pela riqueza do alimento que é a mama, como pelo contacto físico da mãe com a criança e que é considerado fundamental para o seu equilíbrio afectivo.

#### DE UM ANO AOS DOIS ANOS E MEIO

Esta é uma fase em que as crianças começam a desenvolver a sociabilidade, interessando-se por tudo o que a rodeia.

A criança desta idade continuará na creche onde beneficiará do contacto com as outras crianças, continuando também a ser

alimentada pela mãe até fazer a sua aprendizagem.

O acompanhamento da criança no seu desenvolvimento motor, sensorial de fala, controlo dos esfínteres, etc., é bastante importante nesta fase. Por isso o número de crianças por cada educadora deverá ser reduzido.

#### DE DOIS ANOS E MEIO AOS CINCO ANOS

Nesta fase a criança será integrada no jardim de infância dando assim continuidade ao seu desenvolvimento.

O desenvolvimento da criança através de artes plásticas, histórias, jogos, canções, teatro, etc., é bastante importante mas é fundamental as relações da criança com a vida dos adultos com o seu exemplo para a formação do seu carácter e da sua personalidade.

Por conseguinte só com a unidade educacional dos pais, educadores, assim como dos restantes sectores sociais, políticos e económicos é que será possível desenvolver nas crianças uma mentalidade nova, destruindo a educação burguesa dominante.

Dentro duma perspectiva socialista, deve-se desenvolver nas crianças sentimentos de solidarie-

dade, respeito mútuo, igualdade, etc, através de actividades concretas do dia a dia assim como nos jogos, nas tarefas manuais e outras.

O jardim infantil será organizado de forma a ser uma cópia em miniatura, da socialista em construção onde não haja opressores, onde o espírito criador seja desenvolvido.

Através de histórias, filmes, etc. criar a admiração das crianças por homens e mulheres que na sua vida deram testemunho de vida, pelo fim da exploração do homem pelo homem, e que por isso foram obreiros da revolução socialista.

Após esta primeira fase deverá ter início aos 6 anos de idade a escolaridade obrigatória propriamente dita.



# Unir, organizar, armar, poder popular

— comunicado dos trabalhadores da Fábrica de Conservas de Peixe, António Jacinto Ferreira

Do comunicado da Comissão de Trabalhadores desta fábrica de Olhão, transcrevemos:

Na sexta-feira tivemos conhecimento que na próxima segunda-feira não havia trabalho. Acontece que no sábado era feriado consta no contrato colectivo de trabalho que o patrão tem que nos pagar os feriados se nós trabalharmos no dia antes e no dia depois do feriado. Assim o nosso patrão tentou o golpe para não nos pagar o feriado de sábado, cortando-nos a segunda-feira de trabalho.

Acontece que tínhamos trabalho para segunda-feira e o motivo não era portanto a falta de trabalho.

Assim, em face de tudo isto, fomos ao nosso sindicato para que este tomasse posição e nos cedesse uma sala para decidirmos qual a posição a tomar face a este caso. Do sindicato disseram-nos que a sala não podia ser cedida e que o caso logo seria resolvido. Acontece que este sindicato nunca esteve ao nosso lado, nem nunca nos deu

provas de confiança. Assim, nós tínhamos que fazer a reunião e resolver por nós próprios o que deveríamos fazer, unidas em torno da nossa comissão de trabalhadores.

Assim fizemos; reunimos e decidimos ir trabalhar na segunda-feira, a fim que nos pagassem o feriado, camaradas nossas nos traíram na luta obedecendo às ordens do patrão e isolando-se de nós todas.

Com tudo isto nós fomos trabalhar na segunda-feira. Foi a grande maioria, pois só sete é que decidiram não ir trabalhar.

Camaradas, em face de toda esta história nós queremos denunciar a direcção do nosso sindicato que está, na prática, ao lado daqueles que nos exploram e que nos querem roubar aquilo que nos pertence — o direito aos salários e ao trabalho. Quanto ao patrão senhor Jacinto Ferreira não é preciso denunciá-lo pois ele está mais que denunciado.

Mas, Camaradas, nós só conseguimos vencer porque temos uma comissão de trabalhadores,

porque a reconhecemos como representante na defesa dos nossos direitos. Há que fortalecer e formar, onde não existem, as nossas comissões de trabalhadores pois sem união e sem organização nós não podemos vencer a nossa luta. Só através dessas comissões e através da sua união nós estaremos unidas e preparadas para nos defendermos dos ataques da burguesia, e atacarmos esta mesma classe exploradora até à vitória final: A Revolução Socialista e consequente tomada do poder pelos trabalhadores.

PODER AS COMISSÕES DE TRABALHADORES

ABAIXO A DIRECÇÃO DO NOSSO SINDICATO

VIVA A NOSSA COMISSÃO DE TRABALHADORES

UNIR, ORGANIZAR, ARMAR, PODER POPULAR VIVA A

REVOLUÇÃO SOCIALISTA

A Comissão de Trabalhadores da Fábrica de Conservas de Peixe — ANTÓNIO JACINTO FERREIRA

## SITUAÇÃO ACTUAL NA TAP

Os camaradas do PRP, trabalhadores da TAP, emitiram um comunicado no qual analisam a situação político-militar actual, desmascarando o poder burguês existente e a sua actuação desesperada.

Diz ainda o seu comunicado que a tarefa principal que se põe neste momento à classe operária é organizar e armar-se com vista à tomada e exercício do poder.

Relativamente aos problemas internos da empresa, denunciaram a forma como a Comissão de Trabalhadores tem actuado, parte esta do comunicado:

### 2 — O CONTROLEIRISMO NA CONTINUIDADE

Os trabalhadores TAP continuam a ser isolados do contexto em que estão inseridos, por uma comissão de Trabalhadores que está mais interessada em impor a sua linha política partidária aos trabalhadores do que representá-los. A situação política nacional evoluiu dia a dia e esta comissão anti-trabalhadora não procura que os trabalhadores TAP discutam os problemas nacionais. Esta comissão antidemocrática, eleita por lista num plenário com pouco mais de uma centena de trabalhadores, tenta-se agora ligar às bases aplicando a tática de de "Grupos de Apoio" eleitos democraticamente. "Grupos de Apoio" eleitos democraticamente a apoiar uma comissão não democrática e não representativa!

Efectivamente a isto chamamos burocratismo e controleirismo. Estão-se a criar as condições para se tomar decisões nas costas dos trabalhadores, para se manobrar e se castrar a classe operária da TAP e os restantes trabalhadores.

Continuamos a fazer alertas aos trabalhadores no sentido de desmascarar as análises dos problemas TAP, provenientes desta comissão anti-trabalhadora, que tem tentado mascarar os mesmos problemas, considerando a TAP como um "oásis", como se fosse possível nesta empresa não se reflectir a grave situação económica que domina o país.

## AOS TRABALHADORES DA RABOR

Aquando da realização de um dos últimos pseudoplenários dos trabalhadores da RABOR ouvimos alguém referir "A atitude de optar" por uma dada classe. Porém sentimos que algo estava muito confuso; que a realidade não confirmava tão insensatas palavras.

Ora esta coisa de optar por uma classe de duas opções em luta não é dizer que se optou pela classe A ou B, e na prática ter uma atitude de traição ou de conciliação. Fazer opção de classe e optar pela classe verdadeiramente revolucionária (a operária) é não tomar posições dereitistas perante a classe só porque se sabe que a maioria não tem uma autêntica consciência de classe para os escorraçar como traidores da sua luta.

Camaradas:

Todo o pequeno burguês que opte pela classe operária a primeira prova que pode dar de tal opção é pôr-se incondicionalmente ao serviço da classe, entregar-lhe todo o poder, toda a deliberação sobre os seus interesses. Se pelo contrário utiliza a sua posição de cacique para manobrar, segundo interesses partidários que mais não representam que os projectos de uma burocracia estatal (capitalismo de Estado) que pelo fraco desenvolvimento das forças produtivas deste país, representam ainda o ressurgimento do fascismo.

São os pregoeiros de tais opções de classe que dizem que os operários não estão preparados para tomarem a direcção da defesa dos seus interesses. Não será o interessado o mais capaz de defender um dado interesse?!

Camaradas:

É tempo de conhecer a verdadeira natureza de classe dos partidos reformistas manipuladores da classe operária.

Estes senhores que mais não pretendem do que substituir-se aos velhos patrões... que estão comodamente instalados no aparelho de Estado burguês combatem os trabalhadores e as suas lutas... com o fito de ganharem a confiança do capital. Quando na oposição manobram os operários como a tropa de choque para que a burguesia lhe conceda mais umas pastas deste ou daquele ministério.

Para continuar a denunciar as falsas opções de classe... perguntamos: É ou não a dita "Comissão de Iniciativa" da RABOR um grupo automeado e manipulador dos trabalhadores da RABOR com menor consciência política? Exerce ou não caciquismo a dita "Comissão de Iniciativa"? Por que motivo aparecem a encabeçar a citada comissão os dois chefes que maior número de operários controlam... será mera coincidência? São os chefes a optar pelos operários ou os operários a optar pelos chefes?!

Nbs repetimos — os falsos defensores da classe operária tarde ou cedo se tornam os seus opressores!!!

A EMANCIPAÇÃO DOS OPERÁRIOS É OBRA DOS PRÓPRIOS OPERÁRIOS!

Nbs propomos aos trabalhadores da RABOR como sua legítima representante uma comissão de trabalhadores a eleger em assembleia-geral REVOGAVEL A TODO O MOMENTO.

É tempo de acabar com a manipulação e o dirigismo partidário.

- PELA ORGANIZAÇÃO AUTÓNOMA DOS TRABALHADORES
- PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA
- PELA DITADURA DO PROLETARIADO

Cêlula do PRP na RABOR





# espanha



Continuação da pág. 9

lutas reivindicativas e políticas. Em Espanha, isto não é fácil por causa das já numerosas experiências negativas.

Tendo em conta tudo isto, qual será a perspectiva revolucionária do pós-franquismo?

Nenhuma das soluções por que a burguesia possa optar é viável: existir um aparelho ideológico

— Nem o endurecimento fascista através dos militares ultrac conservadores (três generais da velha guarda fizeram saber ao príncipe que não tolerariam que a herança do Caudillo fosse confiada a traidores e liberais. Todavia, apesar dos 100 mil guardas do general Campano, a violência não chega como alternativa, senão existir um aparelho ideológico justificador minimamente coerente. E, se hoje o franquismo se está a desmoronar, é precisamente porque lhe falta uma ideologia e uma base social suficiente. A alternativa mais dura não teria mais viabilidade do que agora.

— Nem Juan Carlos com Arias Navarro à frente de um governo um pouco mais liberal.

Arias Navarro não tem, nem o apoio da direita, nem do centro, nem tão pouco é um "santo da devoção da Europa" pois está demasiadamente comprometido com o franquismo.

— Nem Juan Carlos com Fraga Iribarne e a sua coligação de centro-direita — segundo classificação do mesmo Fraga. Este seria o candidato europeu mais considerado mas teria a oposição dos ultras que já o impediram no princípio deste ano de levar para a frente a sua associação. Nem sequer goza da simpatia dos centristas da oposição — democratas cristãos e sociais-democratas — nem da esquerda.

— Nem Juan Carlos com uma coligação da esquerda civilizada — excluindo os comunistas — porque seria muito difícil a um governo que estreie liberdade e democracia governar contra a ultra direita, — organizada em comandos, armada e disposta a tudo — e ainda contra toda a esquerda incluindo os comunistas.

— Nem Juan Carlos (ou D. Juan)

com Junta Democrática e a plataforma de convergência. A Junta, que negava categoricamente a continuidade do regime através de Juan Carlos, apenas iniciada a doença de Franco pôs-se imediatamente em conversações com o príncipe e com Arias Navarro, poder fazer a transição, sem convulsões, para uma democracia de tipo ocidental.

O PSOE — um dos partidos mais importantes da plataforma — disse pela boca do seu secretário-geral Filipe Gonzalez — que não participariam no governo se os comunistas não participassem também.

Esta hipótese, Juan Carlos (ou D. Juan) — Junta — Plataforma, que é a mais remota e improvável seria a última cartada da burguesia para poder fazer a transição sem convulsões para uma democracia de tipo ocidental.

Os interesses presentes nesta coligação são tão divergentes que não tardariam a saltar em pedaços devido em parte, a forças que a coligação não podia deixar de desencadear.

Nenhuma das alternativas parece viável.

A classe no poder tem vindo a perder capacidade de manobra, e agora, as suas alternativas, sejam de repressão sejam de desenvolvimento e integração da classe antagonica, a classe operária, no seio da qual já germinam as soluções dos problemas sociais, políticos e económicos actuais, e que a classe no poder se mostra incapaz de resolver. E isto é assim, apesar do exército, dos corpos repressivos e da inexistência da organização revolucionária a nível de todos os estados espanhóis.

A consciência de classe do proletariado espanhol demonstrada já tantas vezes nas lutas reivindicativas e políticas destes últimos anos, criará com rapidez, essas infraestruturas necessárias para coordenar as lutas, e avançar com rapidez para a tomada do poder e a construção do socialismo.

A esquerda revolucionária espanhola abrirá através de todos os seus órgãos um amplo e aberto debate sobre a situação política actual e as tarefas imediatas a levar a cabo.

## II DECLARAÇÃO CONJUNTA contra o poder burguês poder nacional/popular

Franco está a morrer. A sua desapareição será o ponto culminante do processo de desintegração deste regime que nos oprime desde há uns quarenta anos. Neste momento de excepcional importância para os povos do Estado espanhol, podemos e devemos tomar posição comum.

Por altura do 1.º de Maio a ETA, o PSAN (p) e a UPG divulgaram um primeiro Comunicado Conjunto em que encetávamos um esforço para coordenar a nossa luta. Reafirmando os princípios sustentados no referido comunicado e, constatando as mudanças ocorridas na situação política e também as conquistas alcançadas no nosso combate, fazemos hoje uma nova DECLARAÇÃO:

A luta que duramente conduzem todos os povos do Estado Espanhol obrigou o Regime, durante este ano, a revelar o seu verdadeiro carácter através da mais selvagem repressão exercida desde o fim da Guerra de 36 e com isso a impedir-lhe toda a possibilidade de sobrevivência, toda a possibilidade de enganar o povo com manobras continuistas.

Hoje vê-se como inevitável uma mudança democrática. Poderá tardar mais ou menos, poderá passar por etapas diferentes — entre as que não se podem desprezar novas ondas de repressão, podem ser até mais brutais e irracionais que as que sofremos hoje — mas o fascismo não vai encontrar nelas, a longo prazo, senão uma cova cada vez mais funda.

Conscientes das limitações das liberdades burguesas, hoje a nossa tarefa principal é fazer avançar as lutas populares, organizando as classes trabalhadoras e mobilizando-as para arrancar o poder à grande burguesia do Estado Espanhol.

Para isso é necessário potenciar órgãos que, com carácter nacional-popular, contatam pela instauração de um poder popular, vilitizando todos os recursos que a nova situação torne eficazes, que será o único que permitira uma verdadeira libertação de Euskadi, da Galiza e também dos países Catalães.

Para isso é necessário potenciar marinheiros e outras classes populares e que se concretizem em iniciativas unitárias como Herriko! Bamatasuna ou a Assembleia Nacional Popular Galega, a sua única garantia dum efectivo processo de autodeterminação dos nossos povos, serão a base de futuros governos nacionais e verdadeiramente democráticos e constituem a alternativa popular face ao parlamentarismo burguês ao serviço do imperialismo espanhol.

É preciso que a luta e a mobilização das massas impeça qualquer consolidação estável dum democracia formal burguesa, que apenas representa os interesses do grande capital — coluna fundamental do actual regime fascista — e que impossibilite qualquer regresso à ditadura.

Em função dos interesses da classe operária e das demais classes populares, devemos lutar para que toda a ruptura democrática signifique uma mudança política, social e também económica da hegemonia das classes dominantes espanholas e, também, o início da destruição do Estado imperialista espanhol, quer dizer que, abre um caminho para os nossos objectivos estratégicos: o socialismo e também a independência, através da democracia popular.

É fundamental que sejam as massas, previamente organizadas e clarificadas nos seus objectivos revolucionários, os quais protagonizam a ruptura democrática. Só

deste modo, isto pode envolver um avanço real na sua luta. Devemos exigir activamente umas conquistas que não só tornem irreversível essa ruptura senão que ultrapassem completamente, ao mesmo tempo, os planeamentos da burguesia e dos reformistas, que se têm de concretizar em:

1.º — As liberdades políticas e sindicais entendidas como o começo dum democracia real.

2.º — A liberdade para todos os presos e regresso de todos os isolados por motivações políticas.

3.º — A dissolução de todos os corpos e instituições repressivas fascistas e imperialistas e a exigência de responsabilidades aos seus membros mais destacados.

4.º — Reconhecimento da soberania nacional de Euskadi, Galicia e países Catalães, concretizadas numa forma de autogoverno e em moldes organizativos nacionais próprios.

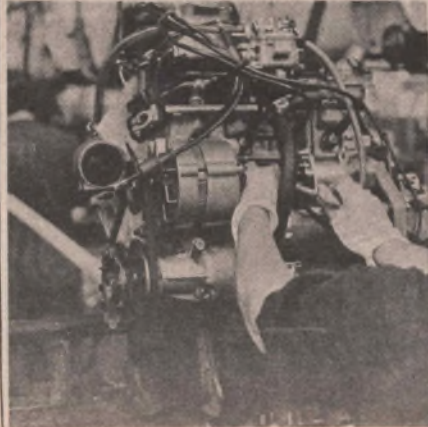
5.º — Reconhecimento dos órgãos de poder e controlo operário e popular surgidos na luta em cada uma das três nações.

ETA, PSAN (p) e UPG fazem um chamamento às classes trabalhadoras dos nossos povos para que tomem a iniciativa deste processo de mudança política, discutindo as diversas possibilidades de acção, organizando-se e levando-as à prática no devido tempo.

EUSKADI, GALICIA, PA ISES CATALANES: VENCEREMOS!

VIVA O INTERNACIONISMO PROLETARIO!

ETA-EUSKADI TA ASKATASUNA ETA-P.S.A.N. — Partido Socialista D'Alliberment Nacional Dels países catalães-Provisional UPG — Union do Pobo Galego 11-75



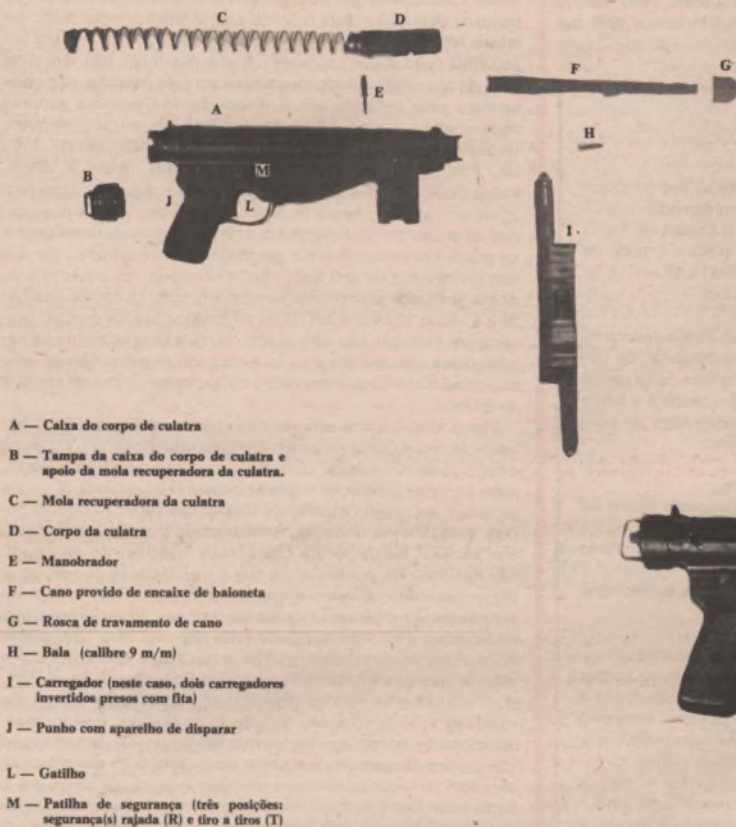


# A ARMA

A PARTIR DO N.º 51 O "REVOLUÇÃO"  
PASSOU A TRAZER ARMAS... EM FOTOGRAFIA

## PISTOLA METRALHADORA FBP CALIBRE 9 m/m

(é a única arma  
inteiramente concebida e fabricada  
em PORTUGAL)



## O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO TEM QUE DESEMBOLCAR NA INDEPENDÊNCIA NACIONAL

Continuação da pág. 16

interviesse nos assuntos de Timor-Leste.

É sabido que a Indonésia, que apoia a UDT e a APODETI, tem vindo a atacar as nossas posições na fronteira, utilizando os três ramos das Forças Armadas, tendo mesmo conseguido (em meados de Outubro e com o apoio de 100 carros de combate, duas dezenas de helicópteros e três barcos de guerra) ocupar quatro vilas fronteiriças.

No entanto, 48 horas depois, as FALINTIL (Forças Armadas da FRETILIN) desencadearam uma outra contra-ofensiva, com a qual conseguimos infligir grandes baixas ao inimigo, capturar grande

número de armas e expulsar do território nacional as forças invasoras.

### GOVERNO PORTUGUS: CRIMINOSA CUMPLICIDADE

A posição do Governo português não é ambígua.

Trata-se, a nosso ver, de uma criminosa cumplicidade, o que se comprova se atendermos a que Timor-Leste ainda está debaixo da soberania portuguesa, que Portugal nada fez para denunciar as invasões descaradas mais que comprovadas, feitas pela Indonésia.

Pelo contrário! Ainda há bem pouco tempo, Portugal entabulou conversações com o governo indonésio, em

Roma, no sentido de se determinar o futuro político de Timor-Leste.

Entretanto, a nossa posição mantém-se clara, pois pensamos que o processo de descolonização tem que desembocar forçosamente na independência Nacional. Tudo o que venha contra a nossa independência será, assim, serenamente combatido pelo nosso povo e pelas nossas Forças Armadas.

Convém, a propósito, sublinhar que as armas que temos foram retiradas ao exército português, às quais se acrescentaram as que capturamos às forças que invadiram o nosso país.

Quanto a munições, ainda temos para um tempo razoável, mas temos também a certeza que, caso a guerra se prolongue por muito tempo, teremos que nos municiar

## angola

Continuação da pág. 8

que não reconhecem governo nenhum.

Incluem-se neste último grupo países como a Tanzânia e a Zâmbia, os quais, principalmente o primeiro, gozavam até agora, de uma certa fama progressista... o futuro dirá, brevemente, se o são ou não, já que não há compromissos que justifiquem que países progressistas não reconheçam o governo do MPLA.

De resto, para absurdo já basta a atitude da China, que até agora não reconheceu o governo do MPLA e

que após ter apoiado descaradamente a FNLA e a UNITA afirma agora ter retirado o apoio aos movimentos de libertação...

A verdade è, pois que a actual luta do MPLA, sendo predominantemente militar, assume também aspectos não menos importantes sob os pontos de vista económico, político e diplomático.

Seja como for, respondendo à palavra de ordem de RESISTENCIA POPULAR GENERALIZADA, o povo angolano, enquadrado pelo MPLA e pelo seu braço armado, sabe que a LUTA CONTINUA, mas que A VITÓRIA É CERTA.



# Revolução

Composição e impressão: MIRANDELA & C.ª - Trav. Condessa do Rio, 79 /// Distribuição: DIG - Rua das Chagas, 2 - Lisboa

AVENÇA

## O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO TEM QUE DESEMBOLCAR NA INDEPENDÊNCIA NACIONAL

— afirmou-nos Mari Alcatiri, comissário político nacional da FRETILIN

A atitude que os órgãos de Poder têm tido perante o povo de Timor-Leste constitui, tal como o processo de neo-colonização em Angola, um exemplo acabado de sucessivas tentativas de submeter o povo daquela ilha à dependência do imperialismo americano.

Em Timor, tal como em Angola, existem 3 organizações políticas (FRETILIN, APODETI, UDT-MAC) das quais apenas uma, a FRETILIN, traduz de uma forma correcta os anseios do povo de Timor. As outras duas organizações, além de serem joguetes directos do imperialismo, servem explicitamente num caso (UDT-MAC) e implicitamente noutro (APODETI) os interesses do regime fascista existente na Indonésia.

Aproveitando o facto da delegação do PRP que se deslocou a Angola se ter encontrado com a delegação da FRETILIN aí presente, entrevistámos o camarada Mari Alcatiri, Comissário Político Nacional da FRETILIN.

### ACTUAL SITUAÇÃO

"A UDT, apoiada e armada pelo governo de Lemos Pires, e comandada pelo tenente-coronel Gouveia desencadeou uma acção armada no sentido de eliminar todo o Comité Central da FRETILIN.

Todavia, por falta de apoio popular, esta acção armada terminou num fracasso total.

Assim, após o Comité Central da FRETILIN ter tentado várias vezes solucionar o problema pela via política e diplomática o governador Lemos Pires "dissolveu" a FRETILIN, ao que o nosso movimento respondeu com a proclamação da insurreição geral armada, no dia 15 de Agosto, pelas 15,45m.

Foi assim que nos dias 17 e 18 de Agosto, com o apoio expresso das unidades militares, a FRETILIN desencadeou a sua contra-ofensiva contra a UDT, que durou cerca de 15 dias, tempo necessário para destruir completamente as forças reacionárias da UDT.

De resto, à excepção de 5 elementos que conseguiram passar a fronteira, todo o Comité Central da UDT está preso nos nossos campos de recuperação. Por seu lado, o Comité Central da APODETI está, na sua totalidade, nos nossos campos de recuperação.

Foram esses cinco elementos e mais um grupo de simpatizantes quem dissolveu a UDT e formou o

MAC (Movimento Anti-Comunista).

Após a nossa contra-ofensiva, o

governo de Lemos Pires lançou vários apelos à Indonésia para que

Continua pág. 15

### COMUNICADO DA FRETILIN

A propósito do desejo manifestado pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros da Indonésia, Adam Malik, em conferenciar com a FRETILIN facto que foi amplamente noticiado, o Comité de Acção da FRETILIN em Portugal — CAFP — torna público o texto de mensagem enviado pelo Comité Central da FRETILIN em 17 do corrente ao referido Ministro, que é do seguinte teor:

"Ouvimos notícias rádio que vossa Excelência deseja encontrar-se com representantes da FRETILIN stop Uma delegação de três pessoas representando o Departamento de Negócios Estrangeiros e o Departamento de Defesa de FRETILIN terá o prazer e a honra de se encontrar com Vossa Excelência em qualquer lugar do território indonésio para discutir os seguintes pontos:

- A) A sorte dos cinco repórteres australianos;
- B) A situação dos vinte e três militares portugueses presos no território indonésio;
- C) A retirada das forças militares e do material bélico indonésio de Timor-Leste;
- D) Regresso à Timor-Leste dos refugiados Timores em território indonésio.

Acreditamos que mais largas perspectivas serão abertas para o diálogo, amizade e estreita cooperação uma vez que os pontos acima mencionados tenham sido resolvidos. Compreende-se que a delegação visitante gozará de protecção do Governo Indonésio enquanto se encontrar em território indonésio. Aproveitamos a oportunidade para convidar uma missão de observadores da Indonésia para constatar a situação no nosso País onde a paz e a ordem têm sido restauradas e toda a população apoia fortemente a FRETILIN na luta pela INDEPENDÊNCIA NACIONAL. O convite é também alargado aos jornalistas indonésios. Os visitantes gozarão completa liberdade de movimentos para todas as fontes de informação e em todo o território. FRETILIN também assegura a sua segurança enquanto hóspedes. Por favor aceite os meus cumprimentos pessoais.

Assinado

JOSÉ RAMOS HORTA

Sec. do Depart. dos Negócios Estrangeiros do Comité Central da FRETILIN"

O C.A.F.P. quer salientar que até ao presente momento o Comité Central da FRETILIN não obteve qualquer resposta.

17-11-75

### PRESSÕES NA REGIÃO MILITAR DE LISBOA

Vários oficiais revolucionários elaboraram um documento de apoio aos soldados e aos trabalhadores tomando uma posição definitivamente revolucionária contra as manobras politiqueras e avançando resolutamente contra o governo e a direita. Esta posição vem na sequência das posições firmes

dos capitães Luz, Cabral e Silva e Major Tomé e outros oficiais em relação às manobras de direita na Região Militar de Lisboa manobras essas feitas por Vasco Lourenço, Costa Gomes e Fabião que pretendiam dissolver a E.P.S.M. e E.P.A.M. como preliminares para mais tarde dissolver a P.M. e Eng.1

## EDITORIAL

A suspensão do Governo decretada por si próprio vem culminar esta semana de manobras e contra manobras durante a qual os trabalhadores deram provas de que estão dispostos a lutar contra este Governo e durante a qual a burguesia deu provas da sua fraqueza do ponto de vista militar. Este Governo que se deixa prender como um rato na ratoeira de S. Bento, passa 22 horas sem comer, rodeado por pedreiros (este é que são livres!), que nas mãos não têm mais nada do que os estandartes que trouxeram pelo caminho, não pode ter outra saída senão desistir. A suspensão do Governo e portanto mais uma forma de desespero, que se seguem tentativas de arranjos e re-arranjos ao nível militar. Porque é nos quartéis que as coisas doem à direita. Nessa situação, a direita pode recorrer ainda a duas vias. Uma será reunir o máximo de forças da direita, fazer entrar o ELP e desencadear uma guerra civil. Sabemos que os trabalhadores, os militares e os militantes revolucionários ganharão nesse confronto, porque têm muita força do seu lado. Mas o desespero do Governo e da direita pode acarretar muitos mortos e feridos. Outra via possível será a direita chamar a NATO ou os Estados Unidos e então provocar em Portugal, não uma guerra civil mas uma luta entre os trabalhadores portugueses e os invasores estrangeiros. Mas estarão os soldados europeus e americanos dispostos a vir invadir um país da Europa?

Mas é ainda perante esta realidade que o reformismo tenta por todos os meios manobrar para impor uma solução onde o PC tenha a hegemonia. A "cimeira" projectada para Segunda-Feira passada, entre as várias tendências militares destinava-se a negociar (o que se traduz sempre em número de lugares dos vários órgãos do poder), mais uma vez tentando cozinhar aquilo que não é cozinhável. E a "cimeira" falhou porque o grupo dos "Documento dos Nove" não foi... Não foi, porque sentia que a manifestação da véspera ia dar argumentos de peso ao reformismo para impôr "mais revolucionários no Conselho da Revolução" ou "Reaccionários fora do Governo, JÁ!". Não foi e tentou nos dias seguintes fazer golpes de arranjos militares, para ganhar a força que não têm. Ora a solução não é "mais Revolucionários no Conselho da Revolução" ou "Reaccionários fora do Governo, JÁ!", a solução é a grande movimentação de soldados, trabalhadores armados, militantes revolucionários no sentido da tomada do poder. Os trabalhadores não podem continuar a ser, carne para canhão de manobras ou escadote para outros tomarem o poder. A única via possível é o armamento dos trabalhadores para tomarem o Poder e para os segurarem. Para que esse Poder revolucionário possa fazer cumprir um programa revolucionário.

## FRANCO MORREU OS ABUTRES DISPUTAM O SEU CADÁVER

Franco morreu, os abutres disputam o seu cadáver, todos apresentam os melhores títulos para obter o pedaço maior. A Junta Democrática, por exemplo fez-nos chegar um comunicado onde diz, entre outras coisas, o seguinte:

"A Junta Democrática de Espanha não pode neste momento tão importante para a história do nosso país deixar de reclamar o que desde a sua fundação propôs ao povo espanhol; liberdade para todos os presos políticos, amnistia e regresso de todos exilados, liberdade de expressão associação e reunião, Governo Provisório de conciliação Nacional, sindicatos livres e reconhecimento da autonomia dos povos de Espanha".

A Junta é pacto e capitulação e apresenta-se como a liberdade, a justiça, a paz (antifascismo idealista).

O antifascismo materialista — os revolucionários e as classes trabalhadoras — manifestar-se-à rapidamente e não permitirá que a herança do ditador morto seja desfrutada, por muito tempo, pelos herdeiros quer sejam "conjunistas" ou reformistas.